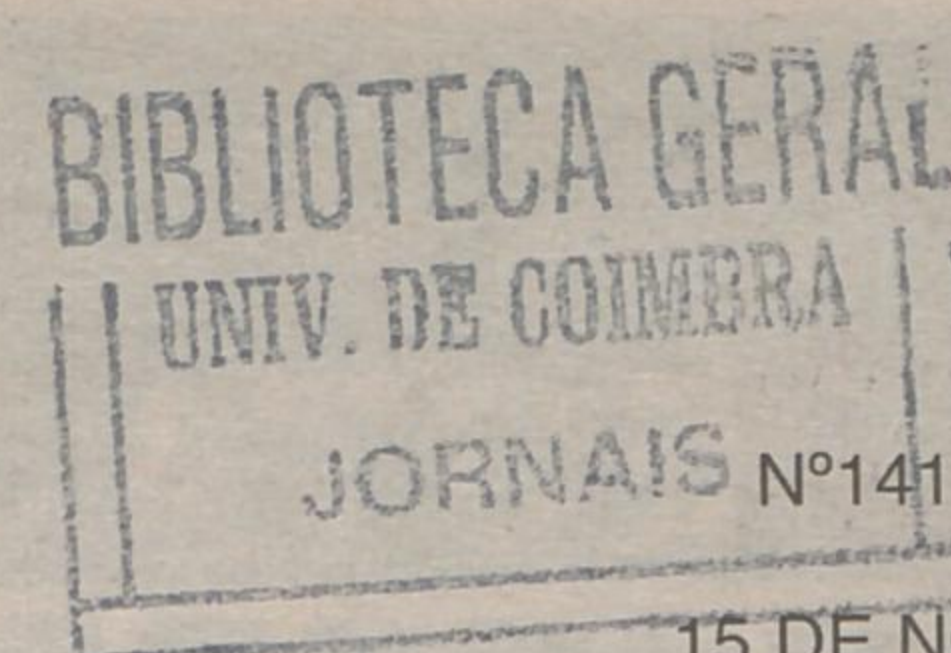




Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA



TERÇA-FEIRA,

15 DE NOVEMBRO 2005

Edição Gratuita

Ano XV

Directora: Margarida Matos

Nacional

Com a pré-campanha para as eleições presidenciais a começar, A CABRA foi falar com especialistas sobre o distanciamento entre os jovens e a actividade política. Numa votação em que três dos candidatos têm mais de 65 anos, interroga-se sobre a necessidade de renovação na vida política e partidária portuguesa **Pág. 10**

Cidade

O executivo camarário já está em funções e conta com cinco novos elementos. Marcelo Nuno, Luís Providência, Álvaro Seco, Vítor Batista e Fernanda Maças falam das suas expectativas para os próximos quatro anos. **Pág. 9**

Cultura

Um ano depois da passagem por Coimbra, Rodrigo Leão regressa ao palco do TAGV, no próximo dia 25, agora acompanhado pelo compositor italiano, Ludovico Einaudi. Os dois músicos pretendem trazer a Coimbra um espectáculo intimista e tranquilo, em tom acústico. **Pág. 19**

PÁGS. 12 E 13 -> Reportagem Cacique na Academia

A uma semana das eleições para os Corpos Gerentes da AAC 2006, A CABRA foi investigar o fenómeno da época, o caciquismo. Do incentivo ao voto ao cacique "à boca da urna", todos concordam que o cacique é já uma instituição da democracia académica de Coimbra. De antigos presidentes a caloiros, todos falaram sobre esta prática.

SUMÁRIO

| | | | |
|-----------------|----|--------------|----|
| Destaque | 2 | Ciência | 14 |
| Opinião | 6 | Desporto | 15 |
| Ensino Superior | 7 | Cultura | 18 |
| Cidade | 9 | Artes Feitas | 20 |
| Nacional | 10 | Vinte&três | 22 |
| Internacional | 11 | Viagens | 23 |
| Tema | 12 | | |

Já começou a campanha para a Direcção-Geral

São três as listas candidatas às eleições para os corpos gerentes da AAC

Falta uma semana para a eleição da Direcção-Geral e do Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra. A CABRA entrevistou os cabeças-de-lista das

três listas candidatas. O actual presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves apresenta-se como o rosto da continuidade. Carolina Fonseca, da lista O, defende uma

Academia mais combativa, nomeadamente contra as propinas. A lista A, de Tiago Vieira, quer reforçar a luta a favor dos direitos dos estudantes **Pág. 2**

MARTHA MORAIS



PUBLICIDADE

Eleições para os Corpos Gerentes da AAC 2006 22 e 23 de Novembro

Acompanha
as eleições em:

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra



2

DESTAQUE - Eleições AAC 2006

Falta uma semana para as eleições

A semana de campanha, que começou ontem, traz um programa detalhado de cada lista e promete ser ecológica.

Textos por Olga Telo Cordeiro, Ângela Loureiro, Margarida Matos, Cláudia Margarida Oliveira, Gonçalo Ribeiro e Ana Biatríz Silva

Às eleições deste ano para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) concorrem três listas.

O presidente da Comissão Eleitoral (CE), Dominic Cross apresentou várias propostas inovadoras este ano. Entre elas, uma que obriga as listas a fazerem uma campanha ecológica, que proíbe a utilização de material de plástico, excluindo canetas e isqueiros da campanha, além de impor a utilização de papel reciclado.

Uma outra novidade é a obrigatoriedade de apresentação de um plano detalhado de actividades a desenvolver pelos três projectos, porque, acrescenta, "é a partir daí que as pessoas devem decidir em quem votar".

Cada lista vai também apresentar um relatório de contas das despesas de campanha. E os candidatos terão um orçamento limitado a 901,23 euros, como forma de, em tempo de campanha, se lutar pelo "ensino superior público, gratuito e de qualidade, independente e laico".

Dominic Cross defende que "a sede de voto devia ser unicamente no edifício da AAC", alegando que talvez desta forma "fosse mais fácil controlar as fraudes eleitorais". O presidente da CE considera que o transporte dos estudantes das faculdades até à sede de voto não seria um problema, pois, "se são disponibilizados autocarros para os convívios, também o poderiam ser para trazer os estudantes a votar".

Quando questionado sobre a prática do "cacique", Dominic Cross afirma que há vários tipos: pelo telemóvel, à porta das faculdades, recorrendo a transportes e oferta de bilhetes para as festas académicas. O presidente da CE lembra que existem formas de punição para quem "cacica", que podem passar pela suspensão do estatuto de sócio da AAC. O estudante vítima de cacique pode reclamar junto dos membros da CE.



Três projectos na corrida para os órgãos gerentes da AAC

Dominic Cross critica de igual modo o "caciqueiro" e aquele que se deixa "cacicar", pois a situação faz com que "muitas vezes não ganhe o melhor projecto, mas o que melhor sabe convencer".

Dos projectos apresentados este ano, o presidente da CE espera mais do que "flyers" com a cara dos apoiantes, mostrando-se peremptório quanto à importância de "ideias novas".

Este ano, Dominic Cross foi o estudante nomeado pelo presidente da mesa da Assembleia Magna, Rui Ernesto Figueiredo, para chefiar a CE.

Actualmente membro do Conselho Desportivo, o estudante de Geografia já passou pelo Conselho Fiscal da AAC e a Assembleia da Revisão de Estatutos, foi um dos fundadores do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), além de vice-presidente e presidente da secção de xadrez. O aluno esteve também na Assembleia de Representantes da Universidade e foi representante dos estudantes no Conselho Pedagógico da FLUC.

A CE é composta ainda por dois elementos de cada uma das listas candidatas às eleições para o Conselho Fiscal e para a DG/AAC. O presidente da comissão pode nomear um grupo de colaboradores que ajudem a garantir que o processo eleitoral decorra dentro das normas da democracia.

Formação das Listas

Para formar uma lista candidata à DG/AAC e Assembleia Magna é preciso recolher o número mínimo de assinaturas correspondente a cerca de um por cento dos votantes, e constituir uma equipa formada por um grupo de efectivos entre 15 a 21 elementos, podendo chegar aos 30 com os suplentes, para a DG, e quatro efectivos mais quatro suplentes, para a Assembleia Magna. A candidatura para o Conselho Fiscal processa-se de igual forma, não sendo obrigatório que esteja ligada à lista candidata à DG.

Depois de decorridas as eleições, chega a hora de contar os votos. Se uma das listas atingir os 50 por cento dos votos na primeira volta, é automaticamente a vencedora. Caso esta situação não se verifique, o processo eleitoral terá uma segunda volta, marcada para os próximos dias 29 e 30, à qual passam as duas listas com maior votação. A equipa do Conselho Fiscal é definida logo na primeira volta, pois o escrutínio dos votos é feito através do Método de Hondt.

Eleições 2004

As eleições do ano passado para os corpos gerentes da DG/AAC superaram, no número de votantes, os valores registados nas votações anteriores. Os quatro projectos levaram às urnas cerca de 8000 estudantes.

A lista S, encabeçada por Cláudio Schulz,

então presidente da mesa da Assembleia Magna, prometia um projecto que fosse ao encontro dos estudantes. A lista R, de Fernando Gonçalves, sob o lema "Reage", defendia uma academia com causas. Cátia Almeida avançou com o projecto E ("é p'ró taxo!"), apontando o dedo ao movimento associativo, adjectivando-o de "podre". O último dos projectos era o da lista M, liderado por Renato Teixeira, tendo como base o movimento Muda AAC.

A lista de Fernando Gonçalves venceu na primeira volta, com cerca de 43 por cento dos votos. À segunda volta passou também Cláudio Schulz com 35 por cento. Pelo caminho ficaram os restantes dois projectos, que apenas somaram 9 por cento dos votos dos estudantes, percentagem inferior à somada pelos votos brancos e nulos.

Os resultados da segunda volta eleitoral comprovaram a escolha já feita pelos estudantes. A diferença de quase 600 votos que separou as listas R e S na primeira volta ficou reduzida a duas centenas, mas, apesar da recuperação, o valor não chegou para impedir a derrota de Cláudio Schulz.

Defesa do Património

O Núcleo de Estudantes Populares da Universidade de Coimbra (NEPUC) vai lançar a campanha "Pensa por ti mesmo", para mostrar que há formas de publicidade e propaganda que não implicam a deterioração do património da universidade.

Fernando Neves, presidente do NEPUC, diz que o "objectivo é apelar ao civismo da comunidade estudantil no sentido de não serem colados cartazes nos históricos edifícios da Universidade de Coimbra", candidatos a património mundial da UNESCO. Esta é uma questão que se impõe na época de campanha eleitoral, quando se verifica "a colagem abusiva de cartazes" acrescenta Fernando Neves.

Também alvos das críticas dos estudantes populares são os grafitis, que Fernando Neves apelida de "verdadeiras pinturas rupestres do séc. XXI, com mensagens subliminares de partidos políticos, o que só tira prestígio à UC".

A campanha consiste na afixação de cartazes em estruturas móveis, nos dois pólos da universidade, de forma a apelar aos estudantes para que se informem acerca dos programas eleitorais dos candidatos.



gang of four
lifestyle

FRED PERRY

CARHARTT

STUSSY

CONVERSE ALL STAR

beco do Fañado TERREIRO DA ERVA coimbra

“Queremos uma academia combativa”

“Outro financiamento, outra educação, outra academia”, é o manifesto da Lista O. A porta-voz, Carolina Fonseca, propõe a redução imediata das propinas

Depois de ter estado na equipa de Fernando Gonçalves, a estudante de Psicologia apresenta-se como candidata à presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC).

Carolina Fonseca faz duras críticas aos actuais dirigentes associativos e mostra-se contra o processo de Bolonha.

A candidatura foi oficializada ontem, no bar da Faculdade de Letras.

O que te levou a apresentar uma candidatura?

Sou apenas porta-voz de um grupo de pessoas que se juntaram, há algum tempo, para discutir os problemas do ensino superior. Surgiu a necessidade e vontade de criar um movimento de base, sólido e combativo. Achámos que este momento eleitoral seria excelente para fazer chegar o projecto ao maior número de pessoas.

Quais são as principais apostas do vosso projecto?

Criticamos a política dos sucessivos governos, que têm agravado as condições de acesso, frequência e a qualidade do ensino superior. Há uma necessidade de mudar de estratégia. Somos claramente a favor da gratuidade do ensino. Apostamos na redução drástica e imediata do valor das propinas. Este plano visa também promover a mobilização, que está muito fraca, em torno da defesa do ensino gratuito, respondendo às necessidades imediatas dos estudantes que estão a abandonar o ensino superior.

Como pretendes chegar junto dos estudantes?

Através das propostas políticas que apresentamos. Os estudantes irão identificar-se com elas. Temos de ouvir o maior número de pessoas e isso fortalecerá o movimento.

Que leitura fazes do 20 de Outubro de 2004? E o que ficou desse dia?

O reitor alinhou nas políticas do governo. Foi contra o que tinha prometido e fixou a propina máxima. Teve uma atitude autista em relação aos estudantes. A maneira que encontrou para garantir as suas intenções foi a pior, a repressão policial.

O 20 de Outubro podia ter desencadeado um verdadeiro movimento de luta estudantil. Falhou, uma mais vez, a estratégia das

direcções associativas. Estávamos num auge de contestação. As pessoas sentiram-se tocadas pelo que aconteceu, e decide-se fazer uma Latada, desaproveitando um momento que podia ter sido muito importante.

Como perspectivam as relações com o reitor?

Uma vez que assim foi deliberado em Assembleia Magna, não estaremos presentes em cerimónias e actos públicos onde o reitor esteja.

A redução das propinas não implica diálogo com a reitoria?

Não. Implica uma posição forte contra o governo. As propinas foram fixadas automaticamente. Serão discutidas de dois em dois anos, em Senado. Quando assim for, estaremos lá para discutir.

O que achas da estratégia do reitor, em relação à abertura solene?

Houve falta de coragem. Os estudantes não se revêem no discurso de que a abertura solene devia ser uma festa da universidade. A coesão da universidade já está em causa há muito tempo.

Fizeste parte da actual DG/AAC. Que balanço fazes do mandato de Fernando Gonçalves?

Muito negativo. Foi uma má liderança do movimento associativo. Na política educativa, foi tudo muito mal conduzido. Não havia uma linha política. Houve falta de coragem na crítica ao governo, e não conseguiram mobilizar os estudantes. Usaram formas de luta, perfeitamente válidas, como se fossem tradição, tirando-lhes credibilidade.

Referes-te a manifestações?

Por exemplo. As manifestações são como um remédio. Se mal tomado, não curamos o mal e até podemos fazer pior. Usam-se formas de luta como folclore estudantil.

O que é que a tua lista pode trazer de novo?

O nosso principal eixo é o financiamento: reduzir o valor das propinas e conseguir a gratuidade. Estar no ensino público é um direito. Queremos uma academia que faça uma discussão democrática, crítica e informada sobre os problemas. Queremos uma academia combativa.

Em termos de estrutura orgânica têm alguma coisa definida?

Não vamos apresentar nada em termos de pelouros. Temos outras questões em mente. O processo de Bolonha que tenciona mercantilizar ainda mais o ensino supe-



“Queremos uma discussão democrática, crítica e informada sobre os problemas”

rior, com a divisão em dois ciclos. Um primeiro, ao preço actual das propinas, com um curriculum mais geral e flexível, que pretende apenas extrair mais produtividade em menos anos de estudo. Depois, um segundo ciclo, a preço de mestrado. Teremos o equivalente à actual licenciatura, mas a pagar muito mais. Há ainda o sistema de créditos. Além de homogeneizar os currículos a nível europeu, exige cada vez mais dos estudantes. A questão dos trabalhadores-estudantes preocupa-nos imenso.

Que balanço fazes da manifestação de quarta-feira?

O critério do destino da manifestação foi duvidoso. Devíamos ter estado no parlamento. Era lá que se estava a discutir o orçamento. Era lá que estávamos a ser atacados. Comecei a ouvir rumores que afinal a manifestação seguia para o parlamento. Perguntei aos membros da direcção-geral. Uns diziam parlamento, outros, ministério. Segui para o ministério, porque foi o que tinha sido decidido. Dos poucos estudantes, numa manifestação que já se adivinhava pouco participada, ainda ficamos menos. Pior que isso, desmoralizados.

Foi pedida uma autorização para se realizar a manifestação nos dois sítios. O que achas que pode ter acontecido?

Houve uma manifestação do Partido Socialista em frente ao ministério e uma manifestação do Partido Comunista em frente ao parlamento. Puseram-se interesses aci-

ma da unidade do movimento estudantil, que devia ser a prioridade.

Perante a divisão e a ausência de algumas das associações mais importantes na manifestação, como analisas o movimento estudantil?

É a falência do modelo do Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA). A descoordenação completa, que não é nova. Há dois anos, no auge de mobilização e participação, o ENDA convocou manifestações descentralizadas, quebrando o ritmo.

Este movimento é um ressurgir do Muda - AAC?

Não. É um projecto político novo, com pessoas que estão nos primeiros anos, que querem mudar alguma coisa, que estão desmoralizadas com as actuais linhas políticas da direcção geral. É importante um movimento novo, de base e combativo.

Perfil

Carolina Fonseca tem 22 anos de idade e é natural do Porto.

Fez parte da actual Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) comandada por Fernando Gonçalves, agora adversário na corrida a estas eleições, mas demitiu-se em Abril passado.

A estudante do quarto ano de Psicologia esteve também na Assembleia da Universidade, como indigitada pela DG/AAC, mas afastou-se na mesma altura em que saiu da direcção-geral.

“Queremos fazer mais e melhor”

Sob o lema “Reforçar a Academia”, Fernando Gonçalves, recandidata-se à presidência da direcção-geral.

Consolidar o trabalho desenvolvido é o objectivo

Depois de um ano a liderar a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves promete reestruturações a nível orgânico, acabando com o pelouro de política educativa. Com uma equipa que aposta num misto de continuidade e renovação, o estudante de Direito, defende que o reitor deve assumir a responsabilidade pelos eventos do dia 20 de Outubro.

O que te levou a recandidatar?

Durante o último ano lectivo, concretizámos grande parte do que nos propusemos. No entanto, surgiram novos projectos. Julgo que o primeiro ano de uma equipa totalmente nova foi de adaptação. Um ano depois temos uma maior consciência daquilo que a AAC precisa, através do contacto com os núcleos, com as secções culturais. Este projecto assenta na continuidade do trabalho desenvolvido, mas vai também aliar a experiência de muitos dos membros da actual equipa a pessoas que vão participar pela primeira vez. Vamos ter uma equipa com várias pessoas que vêm das diversas secções da AAC, dos núcleos de estudantes e dos diferentes órgãos de gestão das faculdades da Universidade de Coimbra (UC).

Consideras portanto, que o facto da tua lista juntar pessoas de diferentes áreas políticas não esteve relacionada com algumas saídas ao longo do ano?

Não. Considero que é sempre positivo que as listas para a associação tenham diferentes visões sobre a academia e também, diferentes visões ideológicas. Nunca gostei de unanimidades ou de falsos consensos. Faz todo o sentido que as listas tenham discussões e divergências. O que importa é que conseguimos sempre unir-nos em torno da defesa dos interesses dos estudantes.

Há alguma reestruturação orgânica, em termos de pelouros?

Há uma ideia base que surgiu deste mandato, que faz todo o sentido, no nosso entender, que é não existir um pelouro de política educativa, uma área que deve ser transversal a todos os outros sectores. Isso foi algo que já foi adaptado com bons resultados, no mandato do Humberto Martins. Quanto às outras estruturas, poderão surgir, de facto, algumas surpresas.

Como pretendes continuar a chegar

a mais estudantes?

Continuaremos a apostar muito na divulgação, não só através dos formatos tradicionais como o InformaAcção, e a agenda cultural e desportiva, que foi, ao longo deste ano, organizada pela primeira vez. Por outro lado, considero absolutamente fundamental a presença da AAC nas faculdades. Este ano, realizamos várias campanhas de informação realizadas nas faculdades. Apostaremos também numa renovação total do site da AAC, antes do final deste mandato, permitindo-nos também criar condições para que todas as entidades dentro da academia possam deixar a sua mensagem.

No que toca às relações com o reitor, como as perspectivas? Continuar a estar presente somente nos órgãos de gestão para a discussão do futuro da Universidade?

Não faz sentido, numa universidade que tem tantos problemas não existir um diálogo entre a academia e os outros responsáveis. Assim que assumimos as nossas funções, defendemos em Magna que os estudantes deviam voltar aos órgãos de gestão. É nestas estruturas que devemos defender os interesses dos estudantes. Não se pode permitir é que passe para a opinião pública uma unidade que não existe. Afinal, a pessoa responsável pelos acontecimentos do dia 20 de Outubro não assumiu as suas responsabilidades políticas e, nem sequer permitiu que a Assembleia da Universidade, o órgão próprio, o pudesse discutir.

Mas vais continuar a reiterar o pedido de demissão do reitor?

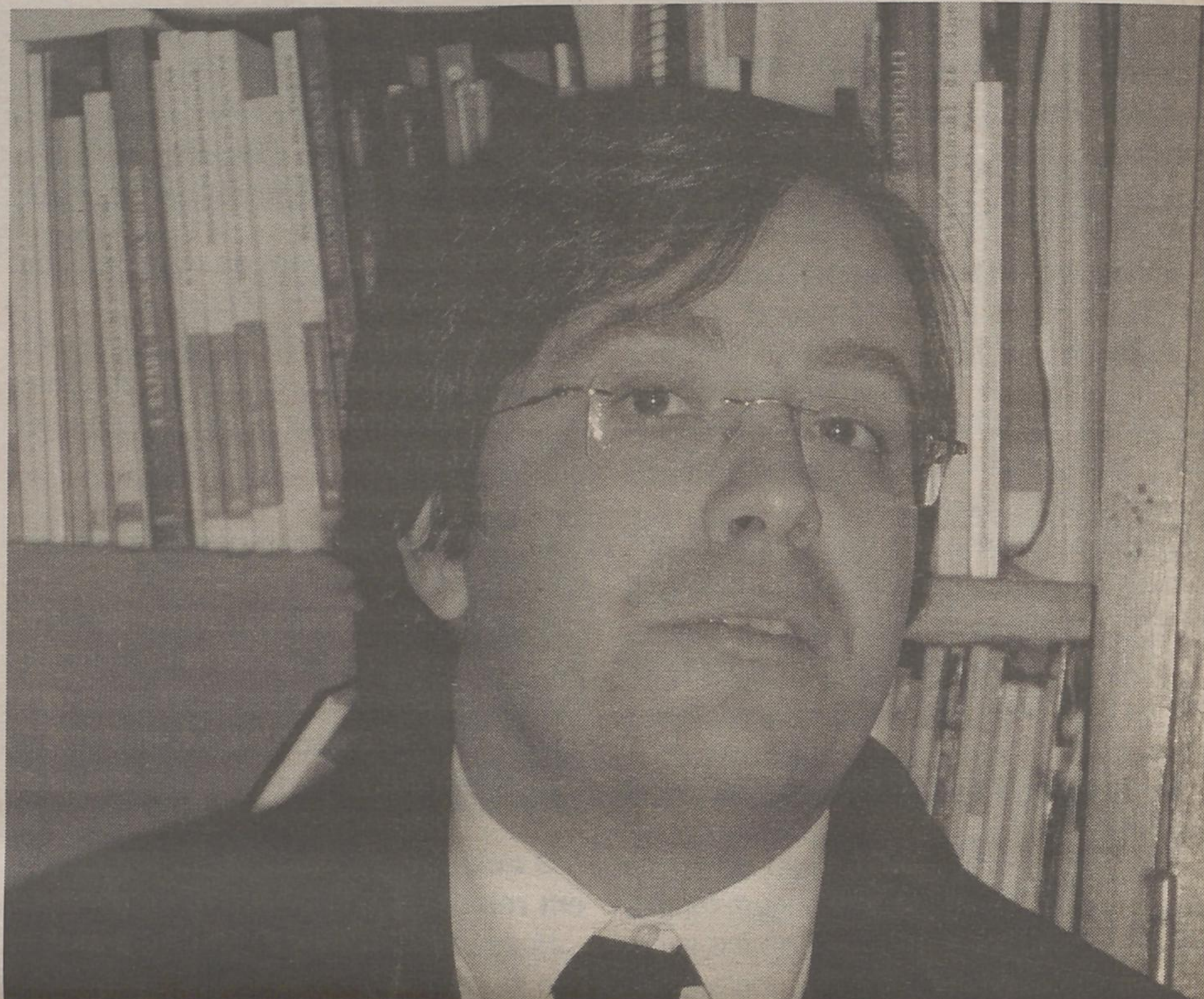
Esse pedido mantém-se, não o tenciono revogar.

Como viste o dia da cerimónia da abertura solene? A solução encontrada pelos estudantes foi a melhor?

A abertura solene da UC é um momento importante pois costuma ser de intervenção política quer por parte dos estudantes, quer por parte do reitor. No entanto, a decisão de impedir a cerimónia foi tomada em Assembleia Magna, e tal como sempre fiz, respeito o sentido político das orientações de Magna e assumo todas as decisões que nela são tomadas como minhas.

Como explicas as divergências da manifestação da passada quarta-feira?

A AAC e as várias associações que quiseram participar na acção reuniram no domingo à noite onde foi definida a estratégia. Quando chegamos a Lisboa, percebi logo que havia ali pessoas externas ao movimento que estavam a tentar condicionar o rumo:



“Temos uma maior consciência daquilo que a AAC precisa”

estava uma faixa no início da manifestação que ninguém sabia quem eram os porta-dores. Assim como havia uma viatura que ninguém sabia quem estava a conduzir nem quem era a pessoa a falar no carro de som. Percebi que ia surgir uma tentativa de manipulação partidária. Considero que foi uma lição para o futuro. Os partidos devem pensar que o movimento estudantil é independente, que funciona por valores, pela vontade dos estudantes e que a AAC jamais se deixará instrumentalizar.

Depois da imagem de cisão entre os estudantes na manifestação como perspectivas o movimento associativo a nível nacional?

Houve uma divergência quanto às formas de luta mas julgo que há uma perfeita união quanto à substância das reivindicações. No entanto, para o futuro defendo que o movimento associativo seja mais interventivo. Mesmo com falhas é importante que não caminhe no sentido negativo que temo que possa vir a acontecer, deixando o seu papel de defesa dos direitos dos estudantes e tornando-se num movimento desportivo, cultural e recreativo.

Que comentário fazes à apresentação de uma moção de censura em Assembleia Magna, no dia a seguir à manifestação, que acusava esta direcção de falta de estratégia política?

Discordo totalmente. A direcção-geral sempre teve uma estratégia política clara,

sufragada em primeira instância, aquando da apresentação do programa eleitoral. Apresentamos todas as acções e campanhas que pretendíamos desenvolver, excepto em pontos específicos. Toda a estratégia da direcção-geral foi sempre sufragada em Assembleia Magna e não existiu nenhuma proposta da DG/AAC que tenha sido chumbada. Além disso, sempre defendemos a imagem da AAC de uma forma credível junto dos meios de comunicação social e sempre tentamos procurar na sociedade civil um aliado pois cabe também à sociedade assumir a luta dos estudantes enquanto designio nacional. Deste modo, a estratégia política foi seguida, não lutamos por lutar, embora não tenhamos feito a radicalização da luta.

Perfil

Nascido em Viseu há 23 anos. Fernando Gonçalves, é actualmente presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Finalista de Direito, o seu percurso teve início na comissão de curso no seu primeiro ano, tendo nesse mesmo ano participado na formação do Núcleo de Estudantes de Direito da Associação Académica de Coimbra (NED/AAC). Ocupou o cargo de vice-presidente do núcleo no ano de 2000/2001. Foi presidente do núcleo de estudantes nos mandatos de 2001/2002 e 2002/2003, tendo participado na Federação Nacional de Estudantes de Direito. Em 2003/2004 foi representante dos estudantes no Conselho Directivo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

LURDES LAGARTO

Eleições AAC 2006

DESTAQUE

“Redobrar esforços para recuperar a luta”

LILIANA GUIMARÃES

Tiago Vieira encabeça a lista A, que tem como lema “Age conosco” e se bate pela defesa dos direitos dos estudantes

O estudante de sociologia apresenta-se como o representante de um projecto que defende um permanente contacto com todas as estruturas da associação. Mostra-se muito crítico em relação ao movimento associativo

Porque é que te candidatas à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC)?

Esta não é uma candidatura pessoal. Resulta de um conjunto de pessoas agrupadas há vários meses num projecto que apostou em concorrer à DG/AAC. Em determinado momento, apontou-se para o meu nome para dar a cara.

Quais são as linhas deste projecto?

Cada vez mais as associações de estudantes (AE's) aparecem com uma lógica de empresarialização. No nosso entender, uma AE tem de ter sempre bem clara a sua função primordial que é defender os direitos de quem representa. Obviamente, valorizando todas as dimensões da vida associativa. Não pretendemos fazer por fazer. A AAC é farta em recursos que pode potenciar, para que se chegue mais e melhor a mais estudantes.

Qual a tua estratégia para atrair mais estudantes para Associação?

Ninguém pode aspirar envolver mais gente se andar de costas voltadas ou pontualmente a contactar com o resto da casa. Uma DG tem que estar em contacto permanente com os núcleos. Não podemos desvalorizar as secções desportivas e culturais e os organismos autónomos.

Como perspectivas as relações com a reitoria?

Este reitor não serve as aspirações dos estudantes. Nas suas mais diversas medidas este é um reitor que faz o jogo do governo. Que favorece que se continue a escamotear os ataques ao ensino superior e muitas vezes serve até de almofada em relação àquilo que seria o choque entre estudantes e governo. Portanto, o diálogo que se possa estabelecer será só em questões pontuais, mas nunca com confiança nesta reitoria.

O que foi para ti o 20 de Outubro de 2004, o que ficou desse dia?

É preciso ter presente o contexto político do “20 de Outubro”, em que é, estrategicamente, pelo governo do PSD, colocado o ónus da fixação da propina nas instituições. Procurando despoletar o efeito, que em

Coimbra atingiu o seu auge: o confronto directo entre estudantes e outros corpos, nomeadamente a reitoria. Para mim, obviamente o “20 de Outubro” fica como uma marca deste reitor que mais uma vez conseguiu colocar os interesses do Governo à frente dos interesses da instituição. Há responsabilidades repartidas entre o Governo e o reitor: quem chama a polícia é o reitor, mas quem dá a permissão para que essa polícia possa ter intervenção é o Governo.

E não estavas à espera que o “20 de Outubro”, que conseguiu reunir muitos estudantes momentaneamente, tivesse outros efeitos?

Acho que a ideia de que uma carga política potencia o movimento estudantil pode ser uma ideia mais romântica do que real. Ouvia-se dizer muito: “agora é que é, este é o momento que faz história!”. Mas também senti muitos colegas com medo de participar porque ninguém vai a uma manifestação sob ameaça de repressão policial. Isto não foi bom para o movimento estudantil. Devemos encarar o movimento estudantil como uma fonte de vitórias e de envolvimento. Se por um lado houve um acréscimo momentâneo, a verdade é que não é uma coisa consequente, não é fruto da elevação real de consciência, mas de um elemento que fez disparar, num momento concreto, a vontade de as pessoas mostrarem a sua indignação, mas ao mesmo tempo também fez retrair outras.

E em relação à abertura solene, como é que viste esse protesto?

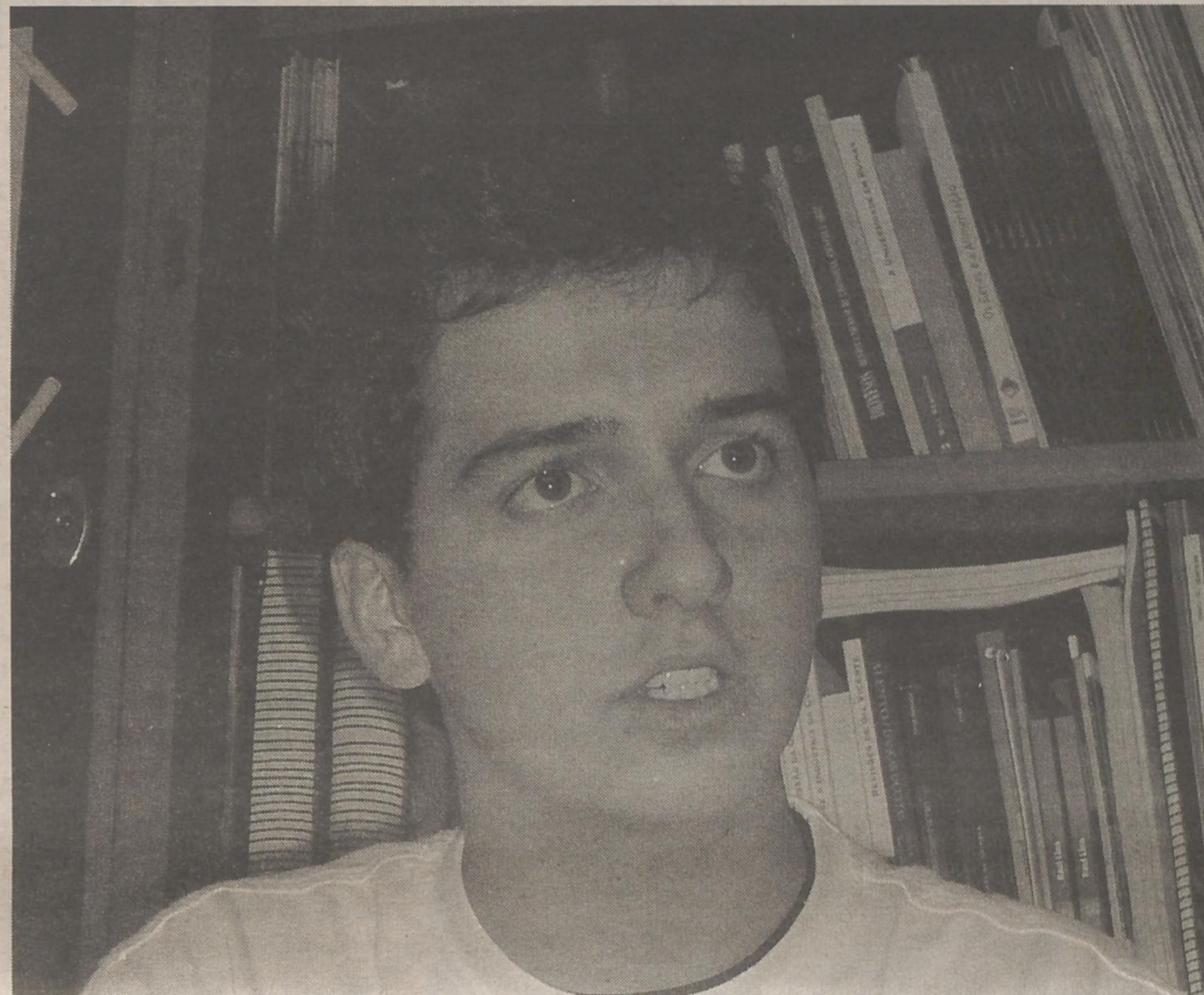
É claro que temos que marcar posição. O método encontrado foi aquele, podiam ter sido outros. Acho que o fundamental que se tira daqui é que os estudantes não estão para pactuar com o reitor. Na minha opinião temos de denunciar as contradições da actual reitoria.

Quanto à solução do reitor, achas que foi a melhor?

Parece-me que ele fez o que tinha a fazer. Mesmo sem cisão entre estudantes e reitor, não havia motivos para festejos, quando no último ano a UC perdeu 1900 colegas.

Que balanço fazes do mandato de Fernando Gonçalves?

A última AM foi o culminar da demonstração que a luta pelos direitos dos estudantes e a contestação parecem uma coisa secundária ou para picar o ponto. Afinal, fazer um cordão humano às cinco da manhã, depois de uma magna convocada por abaixo-assinado, não me parece uma atitude de quem quer o bem da luta. Quem anda, 10 dias antes de uma acção, a falar de outras coisas e



“A questão da política educativa é transversal”

não dessa acção, quer o bem da luta?

Muitas vezes há o argumento dos números, que se fazem milhares de cartazes e panfletos... não é isso que faz mobilização. Por exemplo, o documento que sai em relação à abertura solene é exactamente igual ao da campanha nacional, e o que complementa isso é um documento da DG em que há três linhas de algum conteúdo político e tudo o resto é descritivo. Quem fala do que as pessoas já sentem não pode esperar mais do que um grande nada. O estudante não precisa que lhe digam que não tem lugar para se sentar. Precisa de saber qual é a estratégia contra o sub-financiamento.

Qual é o balanço que fazes da manifestação?

Esta é a primeira acção que conjuga esforços, no plano nacional, de um conjunto de estudantes para mostrar o seu descontentamento. Por isso, valorizo este aspecto. Lamento profundamente o que se passou e não posso ficar contente com uma manifestação dividida. Contribuiu mais para o nosso desgaste do que para o reforço e teremos de redobrar esforços para recuperar a luta.

Como é que explicas a divisão entre estudantes?

Na Magna de quinta-feira ficou claro que não há uma justificação clara por parte da DG. Porquê o ministério e não a Assembleia da República (AR)? Em Lisboa houve um desligar da postura de um conjunto de dirigentes estudantis e de estudantes.

Parece que há falta de direcção política,

que leva a que se explique o silêncio o que é injustificável.

O que te levou a ir para a AR?

Estamos a falar de um dia em que se discute o Orçamento de Estado, que consagra cortes no financiamento do ensino superior, em que o executivo de Sócrates está na AR. Faz sentido ir falar com o Secretário de Estado, que há duas semanas nos recebeu?

Face a isto, o que é que a tua lista pretende trazer de novo à AAC?

Mais do que a discussão ou a execução, a questão da política educativa é transversal. Não a vemos como algo que só alguns discutem. Temos também ideia que a estrutura da DG deve permitir a ligação a um conjunto de AE's que representem alunos que não são portugueses e a todas as secções da casa. Esta será a linha fundamental de um conjunto de pelouros, com a ideia de virar para fora e potenciar recursos, mais do que encher organigramas com fotografias.

Perfil

Tiago Vieira tem 20 anos de idade e frequenta o segundo ano do curso de Sociologia, depois de ter estado um ano em Psicologia. O estudante natural de Coimbra, fez parte dos Núcleo de Estudante de Psicologia e Ciências da Educação, após a mudança de curso passou a colaborar no Núcleo de Estudantes de Sociologia, sendo actualmente indigitado pela DG/AAC de Fernando Gonçalves, para este mesmo núcleo.

Editorial

E depois da divisão

A última quarta-feira, dia da manifestação em Lisboa, foi uma dia triste para o movimento associativo. Nada o dignificou.

Logo à partida, uma acção de contestação sem a presença das academias do Porto, Aveiro e Minho tinha já perdido alguma da sua força. E depois, o seu desenrolar viria a confirmar o descalabro total.

Mais do que o número dos participantes, o movimento poderia ter retirado proveito da postura dos dirigentes associativos. E, infelizmente, a imagem que passou para a sociedade foi a pior possível.

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves, afirmou inexplicavelmente que a manifestação tinha sido a mais participada dos últimos cinco anos. No esquecimento deve ter ficado a manifestação do ano passado por esta altura, e a de há dois anos. Mas passemos aos factos.

Em primeiro lugar, Fernando Gonçalves não conseguiu justificar claramente o porquê da manifestação terminar no Ministério. Depois da Academia ter reunido recentemente com o Secretário de Estado Manuel Heitor, faria todo o sentido o protesto terminar em frente à Assembleia, onde se discutia a proposta de Orçamento de Estado para 2006, e onde se encontrava o ministro da tutela.

Em segundo lugar, a divisão entre estudantes que viria a acontecer em Entrecampos deixa aos estudantes um duro teste pela frente: voltar a unir uma academia já de si plural e trazer de novo alguma seriedade ao movimento estudantil nacional.

Senão vejamos: independentemente de não se concordar com o local da manifestação, o mais importante era que os estudantes tivessem seguido o que tinha sido acordado pelas diversas associações, em prol do sucesso da manifestação e da união do associativismo. Mas, mais grave do que os estudantes de Coimbra que foram para a Assembleia, foi o caso dos dirigentes associativos da DG/AAC. Estes deveriam ter deixado para trás as suas convicções pessoais e posto em primeiro plano os interesses da associação. Jamais se deviam ter esquecido que, em primeira instância, foram eleitos para defender os "interesses" dos estudantes e que esses cargos exigem, acima de tudo, responsabilidade.

Que este dia fique na memória não só, mas também, para os candidatos à DG/AAC 2006. E neste contexto, mais do que a quantidade de cartazes espalhados, mais do que o número de apoiantes, a Academia necessita de pessoas que a sirvam por valores, por causas e não por interesses pessoais, políticos ou por mero protagonismo. A AAC não se pode esquecer do papel de uma instituição que comemorou 118 anos, não se pode desligar dos valores por que se pauta, do peso que deve ter no movimento associativo. Para o futuro, fica a lição.

Academia e Política ou aprendizagem da responsabilidade

*José Noras

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos, sem memória não existimos, sem responsabilidade não mereceríamos existir.

José Saramago, in Folhas Políticas

No nosso pequeno mundo da política académica e universitária, somos a priori, "políticos não profissionais". No entanto, o assumir de responsabilidades inerentes a mandatos e cargos que exprimem uma vontade eleitoral dos colegas jamais deverá ser feito de ânimo leve. As decisões e sua execução, sejam de um órgão de uma faculdade ou, no caso da direcção de uma associação de estudantes, têm consequências reais e representam, muitas das vezes, opções políticas, mais ou menos conscientes e expressivas.

Não estive na última Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra (AM/AAC) por motivos académicos e profissionais. Por isso, este texto é uma análise crítica dos recentes episódios políticos da vida da AAC.

Depois de aprovarmos uma manifestação nacional, na AM/AAC de 12 de Outubro, foram concertadas posições e definidos objectivos de luta. Na Reunião Geral de Alunos da FLUC, a 3 de Novembro, discutiu-se a acção de luta, as virtualidades e desvantagens, bem como as formas de mobilização. À margem da discussão da oportunidade de realizar a manifestação neste momento, garantiu à RGA/FLUC o colega representante da actual DG/AAC assumir a total responsabilidade política dos sucessos da iniciativa. Sobre a mesma ou sobre o total colapso da unidade e da capacidade de acção real do movimento nacional estudantil, muito se escreveu e afirmou. Pouco resta acrescentar. Quanto ao assumir de responsabilidades, nenhum! A manifestação de 9 de Novembro saldou-se no completo fracasso e na magistral derrota da linha estratégica de uma direcção-geral incompetente — exclusivamente desse ponto de vista da acção político-estratégica. Durante o último mandato, discutiu-se, elaboraram-se documentos repetitivos e muitas das vezes inúteis, como por exemplo o "Caderno Reivindicativo" — que repete as conclusões de um dos ENDA's de 2002 —, ou a campanha "UC à lupa", que reformula uma outra campanha da

DG/AAC de 2003. Do projecto, aprovado em AM/AAC, de coligar os contributos do papel activo dos representantes dos estudantes nos órgãos de gestão das instituições para o regular funcionamento destas, nada de concreto ainda veio a lume. Entretanto, a DG/AAC finge que cumpre decisões colectivas, tais como inquéritos inconsequentes nas cantinas dos SASUC, ou o teatral "encerramento solene da porta férrea".

A legitimidade eleitoral não pode justificar o descrédito geral nas instituições, quando este é visível e transparente. Quando assumimos responsabilidade temos de ter, não a só memória lúcida, como também a consciência que esta acarreta consequências reais e sérias do ponto de vista político — que se podem traduzir em retratações públicas, exonerações ou pedidos de demissão.

Não se pode amar ou servir a dois senhores; já o tinha aliás alertado na penúltima AM/AAC. A frase evangélica aplica-se, claramente, ao subverter dos interesses dos estudantes em prol de agendas partidárias próprias, o que se tornou evidente na manifestação de dia 9. No contexto actual, os projectos candidatos à DG/AAC não se deverão esquecer dos objectivos comuns que pressupõem a luta por uma universidade mais justa, solidária e de maior qualidade. Por isso, a reflexão sobre os princípios fundadores do nosso combate político e sobre a própria Academia deverá ser radical. Tão radical ao ponto de questionar a finalidade e a utilidade de qualquer associação de estudantes ou movimento associativo. Quando nós estudantes, todos os dias, enfrentamos condições nefastas de índole pedagógica, jurídica, administrativa, social, económica, e em última análise, humana.

Quando grande número de recém-licenciados enche as filas dos centros de emprego ou preenche, avidamente, candidaturas a postos profissionais abaixo das suas reais qualificações. Quando a "elite dirigente", eleita por todos, resolve "brincar à política", com o olho posto no seu próprio sucesso profissional. Para que serve a nossa Associação Académica? Faz sentido o próprio conceito, ou sentimento, de Academia? Esta é a "caixinha de Pandora" das dúvidas que poucos querem discutir.

*Aluno de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

"A manifestação de 9 de Novembro saldou-se no completo fracasso e na magistral derrota da linha estratégica de uma direcção-geral incompetente"

SEXTA
Informática Multimedia, Lda.
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

Novo regime de épocas especiais

Trabalhadores-estudantes perdem época especial de Dezembro

Letras e Medicina já aderiram ao novo estatuto para os trabalhadores-estudantes, que passam a usufruir de época plena em Setembro

Liliana Gonçalves
Rute Lacerda

No ano lectivo de 2004/2005, duas das faculdades da Universidade de Coimbra (UC) optaram por seguir desde já as alterações do estatuto do trabalhador-estudante.

Alterada em 2004, a lei do estatuto do trabalhador-estudante, incluída no código de trabalho, prevê que deixe de ser obrigatória a existência de uma época especial para estes alunos. No entanto, o trabalhador-estudante pode requerer uma época especial de exames para todas as cadeiras, usufruindo assim de uma época plena, em Setembro. Ou seja, os alunos com este estatuto não têm qualquer limitação quanto ao número de provas que podem efectuar na época de recurso de Setembro.

Até agora, apenas a Faculdade de Medicina (FMUC) e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) adoptaram a nova lei, pondo fim à época especial de Dezembro. As restantes faculdades mantêm o referido período de exames.

O novo estatuto prevê também que os trabalhadores-estudantes deixem de ter di-

reito ao dia anterior ao exame, passando apenas a existir justificação para o dia do exame.

No caso de Medicina, os alunos, para além da época plena em Setembro, têm também preferência na escolha dos horários de exame.

Segundo a FMUC, todos os estudantes que se encontram nesta situação estão devidamente informados das alterações. No entanto, a versão dos estudantes é diferente. Edmilson Cunha, estudante de Medicina, com estatuto de trabalhador-estudante, afirma que "só soube em Setembro da suspensão da época especial de exames, por aviso de um amigo", e garante que a medida tomada pela faculdade lhe "atrasou o ano, uma vez que ficaram cadeiras por fazer". Ao manifestar-se junto do Gabinete de Apoio ao Estudante, foi-lhe dito que não haveria solução, pois fora uma decisão tomada pela faculdade, seguindo as alterações feitas à lei.

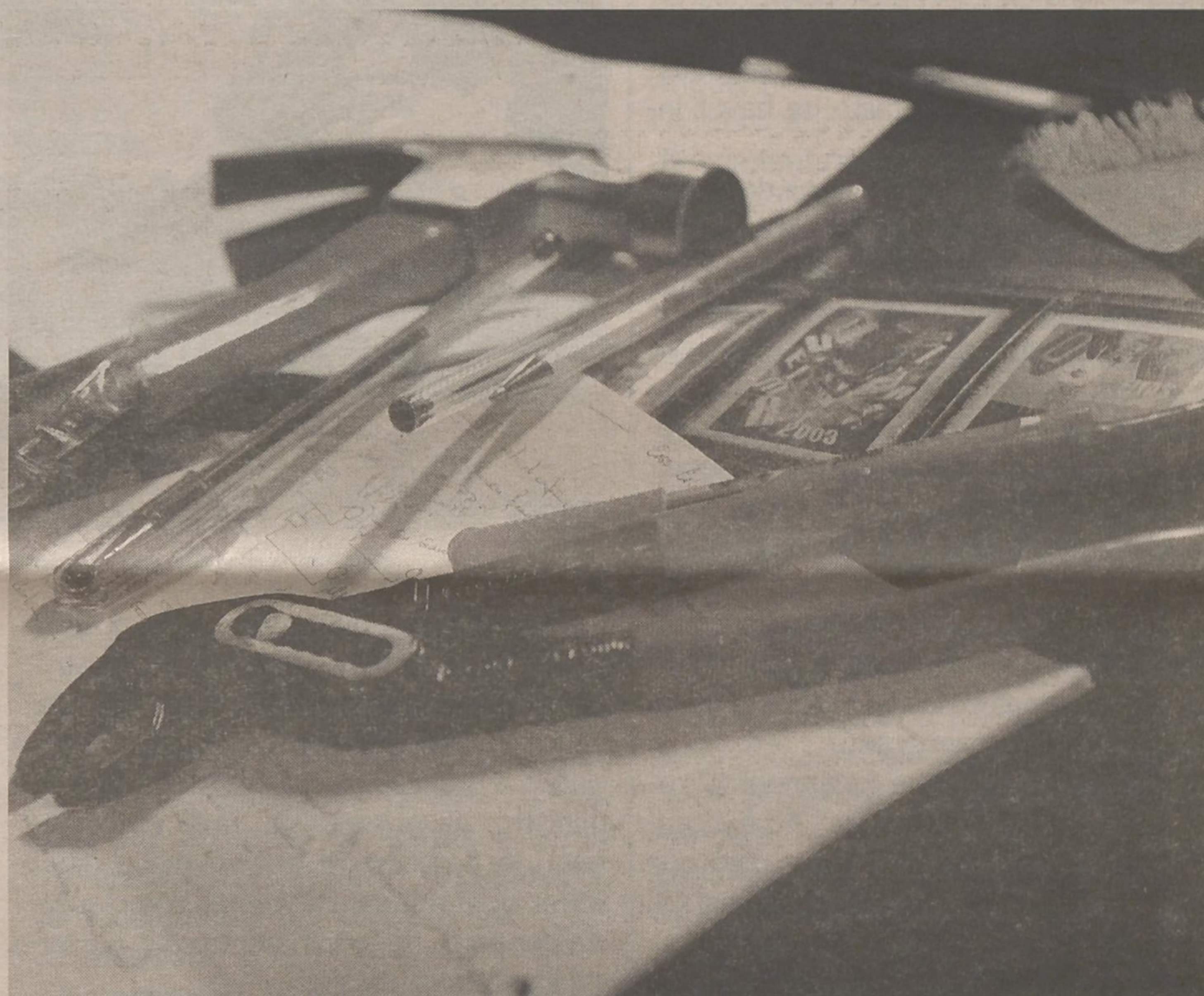
No ano lectivo de 2004/2005, a FLUC teve cerca de 400 alunos com estatuto de trabalhador-estudante. A época especial de Dezembro foi suspensa nesta faculdade, contudo a informação não chegou a todos. Gustavo Ferreira, aluno do segundo ano da licenciatura em História, é trabalhador-estudante, mas diz que "não vale a pena ter o estatuto na faculdade". O aluno afirma não ter sido informado da época plena em Setembro e que, por isso, deixou algumas cadeiras em atraso. "Mesmo com a época ple-

na, que eu não sabia que existia, é muito complicado para os trabalhadores-estudantes fazerem tantas cadeiras no mesmo mês. Com a época de Dezembro, as coisas ficavam mais divididas e era mais fácil", afirma Gustavo Ferreira.

O número de trabalhadores-estudantes que apresentaram o estatuto na UC no ano

lectivo de 2004/2005 chegou quase aos dois mil. A faculdade que teve o maior número de estudantes-trabalhadores foi a de Ciências e Tecnologia, com cerca de 800 alunos, seguida da FLUC, com 367, Direito com 361, Economia com 170, a FMUC com 63, Farmácia com 55, Psicologia com 51 e Desporto com 18.

DANIEL PALOS



Apesar da alteração já estar em vigor, poucos são os informados sobre os novos estatutos

Universidade de Coimbra prepara suplemento ao diploma

O projecto está ainda numa fase inicial mas espera-se que esteja concluído já no próximo ano lectivo

Helder Almeida
Daniel Joana

No âmbito da Declaração de Bolonha, está a ser preparado pela Universidade de Coimbra (UC), um Suplemento ao Diploma. O objectivo é certificar as actividades desenvolvidas pelos alunos nas secções desportivas e culturais da Associação Académica de Coimbra (AAC). Apesar do processo ainda se encontrar numa fase inicial, o reitor da UC, Seabra Santos, pretende que "o suplemento esteja pronto no início do próximo ano".

Segundo o reitor, "o Suplemento ao Di-

ploma descreve uma preparação específica do estudante, fora da actividade regular da universidade, fora do universo das aulas e dos exames". Quanto à forma como a certificação será processada, Seabra Santos refere que não existe nada de concreto, já que o projecto ainda está em estudo. O suplemento "não é um currículo, pois este é feito pela própria pessoa, mas é semelhante, na medida em que é o reconhecimento de um percurso e de certas capacidades", acrescenta.

O presidente da Direcção-Geral da AAC, Fernando Gonçalves, pretende que a associação tenha uma participação activa em todo o processo, defendendo que o importante de momento é "a minimização de danos e maximização das potencialidades da Declaração de Bolonha".

Por seu lado, Dominic Cross, do Conselho Desportivo da AAC, vê o diploma como

uma "compensação" aos estudantes que dedicam tempo a actividades desportivas e culturais. "Se um estudante participa em jogos e treinos, e o trabalho não é reconhecido, é ingrato para ele", enfatiza ainda.

Nuno Sequeira, do Conselho Cultural da AAC, explica que o facto de "as propinas serem cada vez mais elevadas leva a uma menor participação dos estudantes nas várias secções". Assim, o suplemento pode ter um "papel benéfico", de forma a compensar os estudantes que participam activamente na vida cultural e desportiva da academia.

Seabra Santos refere ainda que aqueles que já tenham terminado o curso "não poderão ter acesso ao suplemento, uma vez que não existe uma forma de certificar a sua frequência na AAC". O documento deverá ser emitido obrigatoriamente, sempre que é emitido um diploma, e só neste caso.

O Suplemento ao Diploma é um documento, em português e inglês, criado pela Comissão Europeia, o Conselho da Europa e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), anexo ao diploma de ensino superior. Através dele, pretende-se incrementar a transparência a nível internacional e facilitar o reconhecimento académico e profissional de qualificações (diplomas, graus, certificados, etc.). O suplemento pretende ser uma informação precisa e de fácil leitura das qualificações individuais, principalmente nos estados-membro diferentes daquele onde foi efectuada a formação.

O documento decorre da Convenção sobre Reconhecimento de Qualificações Estrangeiras de Ensino Superior na Região da Europa, de 1997, e a sua criação foi expressamente recomendada na Declaração de Bolonha, em 1999.

Mariano Gago quer auditoria a acção social

O ministério do Ensino Superior rejeitou a abertura de novos cursos de Medicina, enquanto prepara uma avaliação da acção social

Olga Telo Cordeiro

O Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), Mariano Gago, em entrevista ao jornal Público, a Rádio Renascença e o canal de televisão 2:, anunciou uma auditoria de gestão aos serviços de acção social escolar, para levar os serviços a adoptar práticas mais moderadas de gestão. Mariano Gago justifica a medida com o facto de haver indícios de disfunções.

O administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SA-SUC), António Luzio Vaz, diz que está preparado para a auditoria, e até que espera algum reforço e compensação devido ao esforço do gabinete da UC. O gestor receia apenas "que esta auditoria venha direccionada no sentido de conseguir reduzir a actividade da acção social escolar, com cortes nas bolsas, redução da estrutura actual, ou a entrega das cantinas aos privados". Apesar da preocupação, Luzio Vaz garante que a administração das cantinas pelos SASUC está assegurada até ao próximo ano.

O ministro propõe-se igualmente "tornar a acção social mais clara". Para alcançar o objectivo, pretende fazer com que os custos de estrutura da acção social sejam reduzidos.

Luzio Vaz critica a opção do ministério, pois considera que "a acção social não deve ser direccionada apenas para as bolsas, não se deve resumir ao chamado



Mariano Gago considera as praxes "uma escola de fascismo"

apoio directo".

Ministro contra praxes

Mariano Gago manifestou uma posição contrária às praxes. Segundo o ministro, as universidades e politécnicos "não devem ser instituições de submissão e iniciação a práticas fascistas". Na opinião do ministro, as praxes "são uma escola de falta de democracia e fascismo e devia haver uma atitude de menor complacência por parte de todos, dentro das universidades e fora delas".

O ministro adiantou ainda na mesma entrevista que solicitou à Assembleia da República uma autorização para a criação

de um mecanismo de garantia dos empréstimos aos estudantes do ensino superior. A alteração deverá ser uma realidade já no próximo ano.

"Gostaria que todos os alunos pudessem recorrer a empréstimos bancários limitados para financiamento do ensino superior", afirmou Mariano Gago.

Quanto aos juros Mariano Gago defende que, perante o orçamento da acção social escolar, o Estado deverá discutir a possibilidade de acrescentar uma verba que compense parte dos juros para os estudantes.

A avaliação das instituições é outra das medidas defendidas por Gago, pois "o

país tem de saber quais são as melhores e as piores". "O facto de haver muitas escolas que recorrem a métodos de ensino passivo é um elemento que aumenta o insucesso escolar" afirma ainda.

A Declaração de Bolonha torna a avaliação por parte do ministério obrigatória. Em Portugal, a avaliação das universidades já é feita, mas apenas a nível nacional. No sentido de a internacionalizar, o ministério solicitou à OCDE a avaliação do sistema de ensino português.

Não a novos cursos de medicina

Mariano Gago defendeu a manutenção das actuais sete faculdades de Medicina portuguesas. Para fazer face à carência de médicos, o ministro prefere optar pelo aumento de vagas nas universidades existentes, em detrimento da abertura de novos cursos.

Quanto à criação de escolas privadas de Medicina, Gago afirma que não tem nada contra instituições privadas, mas acha que "o ensino público tem condições para crescer, e deve crescer". E acrescenta que até agora nenhuma proposta dos privados demonstrou que tinha o mínimo de qualidade para ser autorizada a funcionar. O ministro defendeu ainda que o número de instituições que formam médicos em Portugal, comparativamente com outros países, é bastante razoável.

O Grupo de Missão para a Saúde avaliou todas as propostas de novas faculdades e não deu nenhum parecer favorável.

Na opinião de Mariano Gago, deveriam ser criados outros grupos que regulem e avaliem a pertinência da criação de novos cursos ou da abertura de mais vagas, à semelhança do que aconteceu já na área da saúde.

Criada rede universitária Unamuno

As universidades dos Açores e da Madeira fazem parte do grupo de universidades ultraperiféricas da União Europeia

Vítor Aires

Seis universidades criaram, no passado dia 3 de Novembro, nos Açores, a rede universitária da Macaronésia, incluída no projecto europeu Unamuno. O grupo é composto pelas universidades dos Açores, da Madeira, de Las Palmas e de Laguna (ambas nas Canárias), das Antilhas Francesas (Guiana, Martinica e Guadalupe), e da ilha de Reunião.

Segundo o reitor da Universidade da Madeira (UM), Pedro Telhado Pereira, as insti-

tuições do ensino superior dos territórios mais distantes da Europa têm "um papel ainda mais importante". A rede vem assim "criar uma frente comum" de comunicação com os órgãos da União Europeia (UE). O objectivo é obter "uma compensação pelos custos acrescidos da distância", algo que, de acordo com o reitor madeirense, "não tem sido considerado" no financiamento das instituições de ensino. Assim, a primeira tarefa conjunta das universidades incluídas na rede será "uma comparação entre os modelos de financiamento".

Contudo, Telhado Pereira realça ainda "outras mais-valias" decorrentes da criação do grupo, como o intercâmbio e os contactos científicos. O reitor da UM lembra ainda que as relações históricas entre as regiões ultraperiféricas "já estiveram mais próxi-

mas", uma situação que, segundo ele, as próprias instituições devem tentar inverter.

Em declarações à Agência Lusa, o reitor da Universidade de Las Palmas, Manuel Lobo Cabrera, defendeu que "é muito importante a união entre parceiros na defesa de interesses comuns" junto da UE. Cabrera afirmou ainda que o "ambicioso" projecto cria uma "plataforma de discussão e intercâmbio permanente" entre as instituições.

O anfitrião da cerimónia de constituição da rede, o reitor da Universidade dos Açores, Avelino Meneses, afirmou, também à Lusa, que "a constituição da rede tem um grande significado cultural, pois equivale ao reencontro de territórios ligados no passado". De acordo com o reitor açoriano, "o convívio cultural é a melhor base de entendimento entre povos e civilizações".

Após várias reuniões iniciais entre as universidades dos arquipélagos portugueses e das Canárias espanholas, a rede foi finalmente criada com a entrada das universidades ultraperiféricas francesas. O primeiro dos encontros anuais do grupo vai ser em Outubro de 2006, nas Antilhas Francesas. A rede Unamuno é financiada por verbas do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), da UE, através do programa Interreg III-B Açores-Madeira-Canárias.

Entre os objectivos da rede universitária estão o estabelecimento de mecanismos de intercâmbio, de um fórum de debate e colaboração, a coordenação conjunta dos Centros de Documentação da UE, o lançamento de estudos conjuntos e a aproximação dos centros de ensino superior às instituições comunitárias.

Novos vereadores já em funções

O executivo da Câmara Municipal de Coimbra conta com cinco caras novas

Apesar de ter conquistado a maioria absoluta, a coligação "Por Coimbra" partilha os pelouros com o Partido Socialista (PS) e a Coligação Democrática Unitária (CDU)

Tânia Amaral
João Campos
Júlia de Sousa

A distribuição de pelouros por três forças políticas é a principal característica do novo executivo da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), que já está em funções. Na constituição da autarquia, contam-se cinco novos vereadores: Marcelo Nuno e Luís Providência (coligação "Por Coimbra"), Vítor Batista, Fernanda Maças e Álvaro Seco (PS), que tomaram posse a 28 de Outubro.

Marcelo Nuno, que tem a seu cargo os pelouros da Gestão Financeira e Informática, Recursos Humanos e Património Municipal, espera "poder contribuir para melhorar a eficiência da autarquia, criando regras para que a máquina funcione melhor". O novo vereador já anunciou que não vai exercer o cargo a tempo inteiro, devido à sua actividade profissional e ao facto de "não querer viver da política". No entanto, considera que isso não consiste problema, uma vez que afirma "nunca ter desistido de nada a meio".

Também eleito pela coligação "Por Coimbra", Luís Providência está responsável pelos pelouros do Desporto, Juventude e Lazer, Saúde Pública e Espaços Verdes, Higiene e Limpeza, Cemitério, Centro de Protecção Animal e Serviço de Médico-Veterinária. O novo elemento tem como expectativa "estar preparado para dar resposta à multiplicidade de funções que lhe cabem". Ainda numa fase de estudo de projectos, Luís Providência considera que "há várias actividades que parecem merecer continuidade", apontando os espaços verdes e a descentralização para as freguesias como duas das grandes áreas de acção.

Álvaro Seco, eleito pelo PS, não se sente intimidado pelo facto de ser da oposição, uma vez que "o cargo já não é novidade". O coronel considera que a palavra oposição "tem uma carga muito forte, uma vez que é um executivo em que todos participam". Apesar de confessar-se "surpreso" com a atribuição do pelouro, o novo vereador aceitou ficar responsável pelas áreas da Protecção Civil e dos Bom-



Novo executivo camarário está distribuído por três forças políticas

beiros. Em relação a essas competências, Álvaro Seco tenciona, numa primeira fase, "ouvir os serviços de protecção civil e várias entidades, como juntas de freguesia, serviços florestais ou a Guarda Nacional Republicana".

Vereadores sem pelouro

Candidato derrotado nas últimas eleições autárquicas, Vítor Batista assume o cargo de vereador, ainda que em acumulação com as funções de deputado na Assembleia da República. O elemento promete fazer oposição à governação de Carlos Encarnação "sempre que for necessário". Não apontando nenhum objectivo concreto no seu mandato, uma vez que "o executivo é que deve ter desafios a ultrapassar", Vítor Batista aceita democraticamente a decisão popular nas eleições e promete levar o cargo até ao fim.

ções e promete levar o cargo até ao fim.

Também eleita pelo PS, Fernanda Maças repete uma experiência numa autarquia, depois de já ter exercido um cargo na Câmara Municipal de Oliveira do Hospital. Até ao fecho da edição, o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não conseguiu entrar em contacto com a nova vereadora.

No executivo da autarquia mantêm-se o presidente Carlos Encarnação e os vereadores Horácio Pina Prata (responsável pela Gestão de Infra-Estruturas Municipais, Associação de Arbitragem e Conflitos de Consumo), Mário Nunes (Cultura) e João Rebelo (Planeamento e Licenciamento, Administração Geral e Trânsito), todos da coligação "Por Coimbra"; Jorge Gouveia Monteiro (Habitação), da CDU; e Luís Vilar (sem pelouro), do PS.

Comentários ao executivo

A constituição do novo executivo é motivo de vários comentários pelos novos elementos. Luís Providência caracteriza-o como um "executivo aberto" e que "Carlos Encarnação transmitiu uma imagem de marca à cidade, em que todos devem ser chamados a participar na gestão autárquica".

Opinião semelhante tem Marcelo Nuno, que acha positiva "a capacidade do presidente da CMC de delegar responsabilidades e descentralizar a participação e a vida na cidade", ao mesmo tempo que elogia o facto de o autarca "dar voz a todas as instituições". A atribuição de um pelouro a Álvaro Seco é referida com agrado pelo vereador, que refere a sua experiência como "resultado de uma melhor eficácia na área da protecção civil, sendo bom para a cidade e para os cidadãos".

Álvaro Seco mostra-se esperançado em "constituir uma equipa sólida" e fazer uma oposição construtiva, "procurando apresentar propostas alternativas e apoiar quando for caso disso". O coronel espera que, no fim do mandato, "todos estejam contentes com o resultado e que o PS contribua para isso", pois considera que "todos querem o bem de Coimbra".

Independência de Angola comemorada

Marta Furtado
Soraia Ramos
Rita Soares

A Casa de Angola em Coimbra está a promover, em parceria com a Associação para o Desenvolvimento de Angola em Portugal, um conjunto diversificado de iniciativas, sob o lema "Por um futuro melhor, juntos na reconstrução de Angola". A iniciativa decorre de 24 de Outubro até 30 de Novembro e consta da comemoração do 30º aniversário da independência do país.

Em 2005, assinalam-se os 30 anos da independência, na sequência do 25 de Abril de 1974, dos países africanos que foram colónias portuguesas, à excepção da Guiné-Bissau. Angola tornou-se independente a 11 de Novembro de 1975, após um processo negocial do Governo português com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

De acordo com o presidente da Casa de Angola em Coimbra, Bento Monteiro, "num programa de comemorações como este, tudo é importante e todas as iniciativas são poucas. Aquilo que se deve salientar é o especial destaque aos temas relacionados com a emigração e com a discriminação."

A Casa de Angola pretende transmitir os aspectos culturais angolanos à comunidade estudantil de Coimbra, daí que, entre outras actividades, organize uma semana gastronómica angolana nas cantinas amarelas, três vezes por ano. Para além disso, realizou-se no passado ano lectivo uma campanha de recolha de livros, material escolar, roupas e dinheiro, que já chegaram ao destino.

Segundo Bento Monteiro, "o programa de comemorações do 30º aniversário da independência da República de Angola é uma forma de apelar às pessoas relativamente à discriminação de muitos jovens angolanos. Em Coimbra, um cidadão africano tem muito mais dificuldade em arranjar um quarto do que um cidadão europeu."

A intenção da instituição consiste em apoiar os imigrantes angolanos, tanto no momento da sua chegada como durante a sua permanência em Portugal, por exemplo no esclarecimento das normas impostas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e nos cursos de formação profissional.

Situação política divide opiniões

Especialistas divergem sobre o eventual défice de renovação na política nacional

SIMÃO RIBAU

A rigidez das estruturas partidárias e o tratamento feito pela comunicação social são os motivos apontados para o desinteresse dos cidadãos pela política

Sandra Ferreira
Rui Simões
Marisa Soares

Numa altura em que o país se envolve na pré-campanha para as eleições presidenciais de Janeiro, muito se tem falado sobre a eventual falta de renovação da classe política nacional. O tema já não é novo, e a existência de três candidatos com mais de 65 anos aumentou o nível da discussão. Com a polémica instalada, sociólogos, politólogos e jornalistas não se furtam a debater o tema.

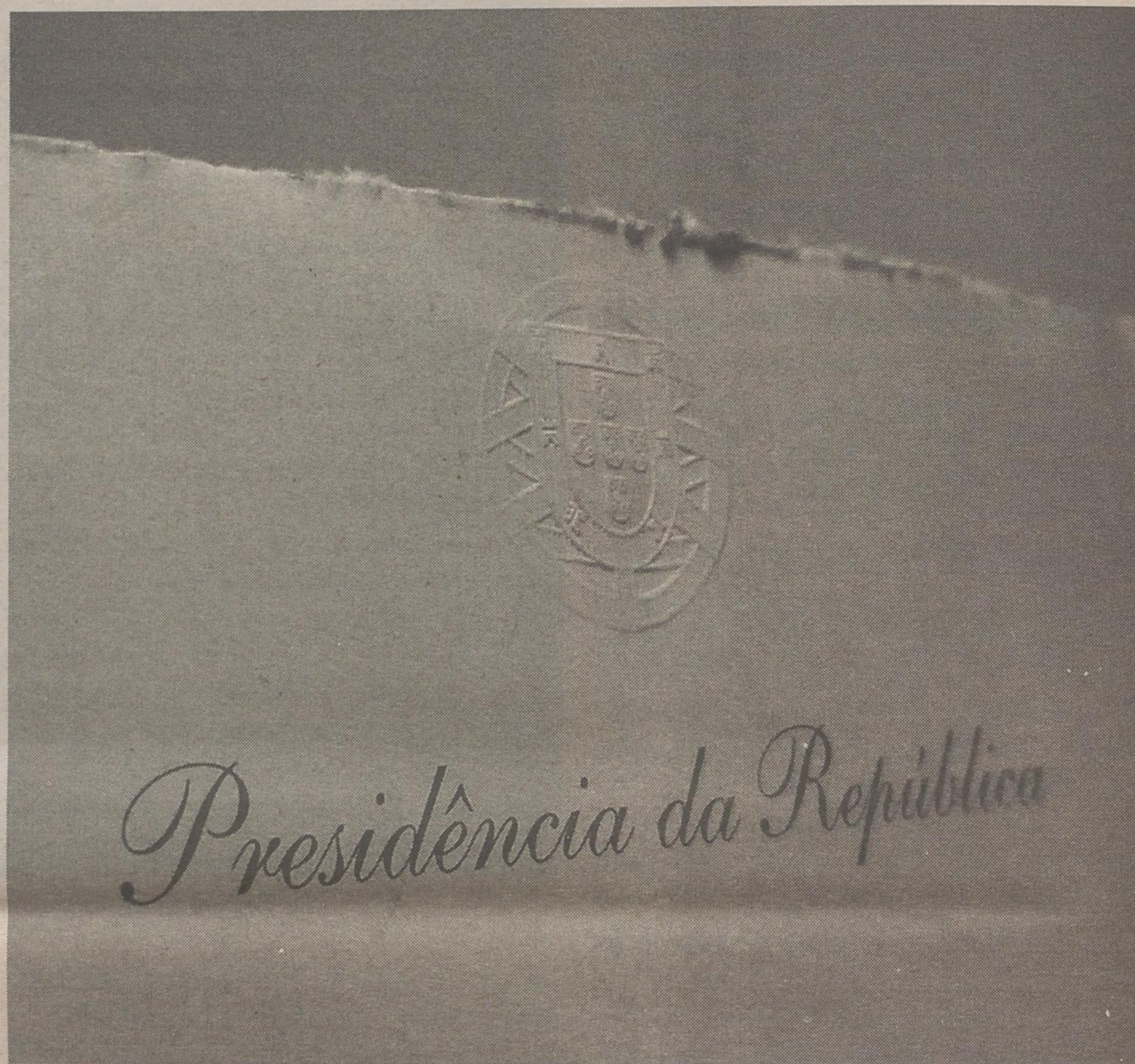
Elísio Estanque, professor e membro do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considera que a cena política

atravessa "um período de estagnação em termos geracionais e em termos de ideias novas". Segundo o sociólogo, a política reflecte a debilidade da sociedade civil, actualmente desprovida de autonomia e iniciativa por parte dos indivíduos. Este "amorfismo" prende-se com jogos de influência, que levam "aqueles que estão em postos decisivos a acentuar a sua posição de vantagem relativamente aos subordinados". "Mesmo dentro dos partidos políticos há uma grande parte das pessoas que não é capaz de se opor às vozes que têm mais preponderância", acrescenta o docente.

Isabel Ferin Cunha, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), partilha da mesma opinião, explicando que "tal se deve, por um lado, à cultura política portuguesa, onde a autoridade se exerce de uma forma muito contundente e, por outro lado, à falta de democracia interna dos partidos". Na perspectiva da docente, a concentração de poder nos mais velhos e a incapacidade de renovação intra-partidária levam a que os jovens se desinteressem e se afastem do sistema político.

Apesar das críticas apontadas aos actuais candidatos à Presidência da República, Carlos Cáceres Monteiro, director da revista Visão, encara as candidaturas como "um privilégio". Ainda que admita a necessidade de renovação do quadro político português, o jornalista defende ser preferível que as eleições sejam disputadas "por pessoas de alta carreira, por oposição a uma geração mais recente, de nível duvidoso".

Já Filipe Luís, comentador da estação televisiva SIC e editor executivo da Visão, encara as candidaturas de Mário Soares e Cavaco Silva como um fenómeno aceitável, tendo em conta que apenas os políticos com uma carreira consagrada estão em condições de se candidatar à Presidência da República. Ainda assim, refere-se à candidatura de Mário Soares como sendo "especial", na medida em que revela a dificuldade de o Partido Socialista em encontrar alternativas para a corrida a Belém.



A pré-campanha para as presidenciais aumentou a discussão sobre a cena política nacional

Um problema antigo

Apesar da discussão recente, as problemáticas da falta de renovação da classe política e do desinteresse popular já se verificaram anteriormente em Portugal. Rui Bebiano, historiador e docente da FLUC, explica que, durante a ditadura salazarista, os ministros tinham "quase sempre mais de 60 anos", sendo "muito raros os políticos de responsabilidade com menos de 45 anos".

O historiador lembra também que no passado já "houve outros momentos de desinteresse e falta de iniciativa política", referindo como exemplo o período da Regeneração, em reacção ao qual surgiu a Geração de 70 (de Eça de Queirós e Antero de Quental, entre outros).

Bebiano salienta ainda que os estudantes "sempre tiveram um papel central" na resposta a este amorfismo, mas que no pós 25 de Abril se registou um "maior distanciamento em relação à política", uma situação que as juventudes partidárias não conseguem resolver.

O desinteresse dos jovens e o tratamento mediático

Elísio Estanque ressalva o facto de não haver entre os candidatos presidenciais um "porta-voz de uma nova geração, de uma nova forma de estar e de fazer política". O sociólogo culpa as estruturas partidárias da juventude por não serem mais "inovadoras e irreverentes", ao apenas copiarem os "procedimentos, estilos e posturas dos políticos mais velhos".

O membro do CES lembra ainda que deveriam ser "os partidos políticos a assegurar a sua renovação interna".

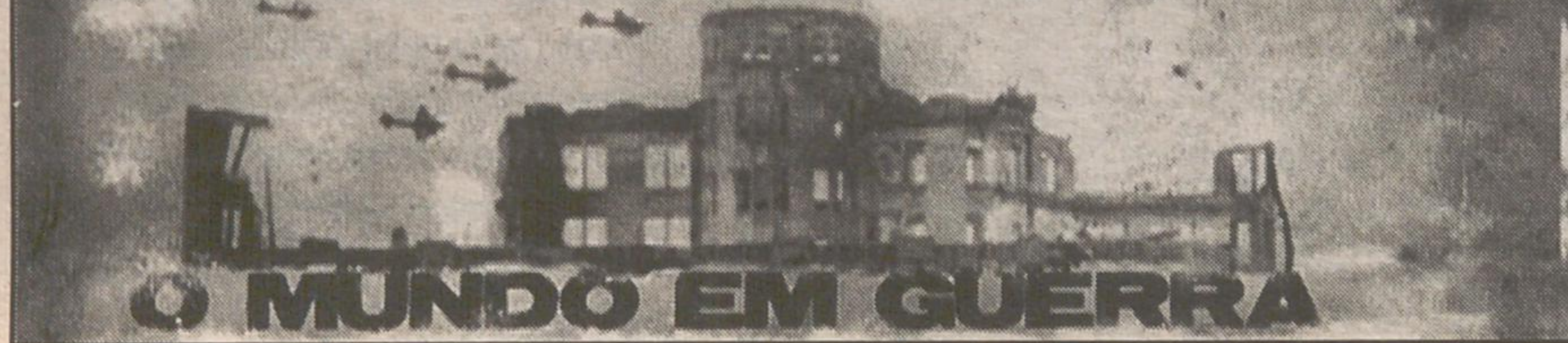
Ainda assim, este é um cenário "comum ao espaço europeu", diz Isabel Ferin Cunha. Relativamente à realidade portuguesa, Cáceres Monteiro explica que o estado de descrédito da política é em parte causado por "aquilo que se passa na justiça e na comunicação social". O director da Visão acredita que, para que a comunicação

social transmita a mensagem dos políticos, eles optam por produzir discursos apelativos, mas pobres de conteúdo.

Carlos Camponez, docente de Jornalismo na FLUC, considera que as linguagens política e mediática "não se estão a entender". O desacordo deve-se, em parte, ao "formato excessivamente profissionalizado dos valores jornalísticos", que limita a exposição dos pontos de vista dos políticos. Para ultrapassar a questão, Camponez sugere que os media se centrem menos na agenda política e mais nos temas de interesse do cidadão.

Isabel Ferin Cunha aponta as mesmas críticas que Carlos Camponez. A professora também diz haver "um grande conservadorismo no tratamento que os media fazem das campanhas eleitorais". Contudo, Ferin Cunha relembra que este é apenas o reflexo "do conservadorismo existente na política".

Ciclo de Cinema Documental



Volume 2

Terça-feira, 15 de Novembro de 2005
Mini-Auditório Salgado Zenha
21:30 - Entrada Gratuita



Japão

Crise na sucessão imperial

Futuro detentor do trono poderá ser uma imperatriz

Falta de herdeiros imperiais do sexo masculino deve levar o parlamento japonês a alterar uma regra milenar

Carla Santos, em Osaka

O Japão estuda a hipótese de alargar ao sexo feminino a sucessão imperial.

Na última reunião de conselho encarregado do estudo do tema, realizada na semana passada, foi apresentada a proposta de sucessão no lado feminino. A alteração daria possibilidade às mulheres da família imperial de chegarem ao trono, contrariando a lei actual, que prevê a ascensão ao trono unicamente pelo lado masculino, uma tradição que se mantém há 125 anos de imperadores.

Outra proposta apresentada foi a passagem do trono para o herdeiro mais velho, independentemente do sexo. Este dado vem contrariar a lei actual, onde é dada a prioridade ao irmão mais novo sobre as suas irmãs mais velhas. A maioria dos membros do conselho apoia a primeira opção, considerando que é a mais simples e permite uma escolha rápida e mais eficaz do próximo herdeiro.

O actual sistema obriga ainda as princesas a deixarem a família real após o casamento. A regra também vai ser revista pelo conselho, de modo a que as princesas possam continuar a viver com a família na casa imperial.

Os membros do conselho foram escolhidos pelo primeiro-ministro japonês Junichiro Koizumi e reúnem-se desde Outubro, sendo liderados pelo presidente da Universidade de Tóquio, Hiroyuki Yoshikawa. Ao grupo cabe a função de criar, pela via legal, um documento que permita que uma princesa ascenda ao trono como imperatriz do Japão. O conselho terá de entregar um relatório ao primeiro-ministro até ao final do mês.

Após o encontro da semana passada, Yoshikawa disse que o grupo não chegou ainda a uma conclusão definitiva e que vai continuar a recolher diferentes soluções que melhor satisfaçam o principal objectivo.

Problemas na sucessão imperial

A dificuldade para encontrar um novo herdeiro para o trono imperial surge devido ao facto de o actual pretendente, o príncipe Naruhito, ter apenas uma herdeira



A hipótese da princesa Aiko vir a ser imperatriz agrada à maioria do povo japonês

ra de sexo feminino, Aiko, de 3 anos de idade. A princesa Masako, esposa de Naruhito, encontra-se num estado frágil de saúde e muito dificilmente poderá conceber um outro herdeiro. Se a nova legislação for aprovada, Aiko estará qualificada para ser a próxima imperatriz do Japão.

Em resposta à revisão das leis de sucessão, Tsutomu Takebe, o secretário-geral do Partido Liberal Democrático, actualmente no poder, teve uma reacção positiva, esclarecendo que se não nasce um herdeiro do sexo masculino na casa imperial há quarenta anos é necessária uma solução. A população japonesa partilha a mesma preocupação do secretário geral e considera que o acesso ao trono independentemente do sexo será positivo para a casa imperial.

Ainda assim, surgiram respostas negativas em algumas alas mais conservadoras da sociedade japonesa. Um grupo de académicos rejeita esta decisão e deseja manter a sucessão masculina do trono. A ausência de herdeiros masculinos na família real pode ser colmatada, afirmam os académicos, com membros da família real que foram afastados depois da derrota

japonesa na Segunda Guerra Mundial e que deviam poder voltar à linhagem imperial. Cerca de 50 pessoas pertencem hoje a 11 famílias que perderam o título nobre em 1947, aquando da ocupação americana.

O príncipe Tomohito de Mikasa, primo do actual imperador japonês, é uma das outras vozes dissonantes e foi o primeiro membro da família real a expressar-se publicamente sobre este assunto. O príncipe, em declarações à newsletter da empresa Hakuho Kai, que preside, afirmou "que não é apropriado mudar a história e tradição da família imperial que não se quebrou durante 125 eras de imperadores". Tomohito sugere que se mantenha a sucessão pela linhagem masculina da família real, dando um status real a algumas famílias que se unam por via do casamento com membros femininos da família real. Caso isso acontecesse, as filhas do imperador deixariam que os seus respectivos maridos ascendessem ao trono. O primo do imperador defende também a re-introdução de concubinas na família real para aumentar a possibilidade de um sucessor masculino ser concebido.

Espanha

Parlamento discute futuro da Catalunha

Rui Antunes
Pedro Galinha
Inês Rodrigues

O estatuto da Catalunha pode ser alterado, depois da revisão ter sido aprovada no parlamento de Madrid. A decisão, votada a 2 de Novembro, é uma vitória diplomática para os que defendem uma maior autonomia económico-administrativa da região.

O novo estatuto proposto pelos nacionalistas catalães pretende libertar a região da subordinação política a que sempre esteve sujeita por parte do governo madrileno. A nível económico, as reivindicações também são significativas, no sentido de alterar o financiamento, incluindo a gestão de impostos. No campo jurídico existe a pretensão de reforçar os poderes do Tribunal Superior de Justiça da Catalunha. O novo documento espelha as aspirações independentistas dos parlamentares catalães, que exigem a classificação da província como "nação".

Jose Luis Zapatero, primeiro-ministro espanhol, declarou-se a favor da reestruturação, defendendo no Parlamento que a integridade espanhola é compatível com a revisão. Por sua vez, Mariano Rajoy, do Partido Popular e uma das vozes da oposição, insurgiu-se contra a proposta, afirmando não haver legitimidade constitucional para se consumir o processo estatutário.

Rogério Leitão, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e especialista em Estudos Europeus, considera que "o povo catalão vem seguindo um processo de independência nacional em relação ao estado espanhol", remetendo para a legitimidade histórica que evocam. Leitão acrescenta ainda que caso seja aprovado o estatuto, "a Catalunha será a província mais autónoma da Europa, mesmo tendo em conta as províncias da República Federal Alemã". No entanto, o especialista refere que, do ponto de vista constitucional, "há várias questões que vão contra a constituição espanhola" e que, portanto "não é possível a independência total" da Catalunha.

A validação do processo poderá abrir precedentes que colocam o estado espanhol em maus lençóis num contexto nacional e europeu. Por um lado, outras regiões espanholas com tendências separatistas, como a Galiza e o País Basco, podem vir a reivindicar a revisão dos respectivos estatutos, exaltando os nacionalismos regionais. Por outro lado, a questão poderá carecer de apoio internacional numa altura em que Madrid abdica de muitos dos seus poderes em detrimento de Bruxelas, numa política supranacional, tendo em conta a tendência federativa da Europa comunitária.

12

TEMA - CACIQUE NA ACADEMIA

“Ó colega, já votaste?”

Esta frase, tal como o cacique, é já tradição na Academia de Coimbra, dividindo-se entre o incentivo ao voto e o apelo “à boca da urna”

Por Vítor Aires, Suzana Marto, Margarida Matos e Carla Pinto (texto) e Rui Velindro (fotografia)

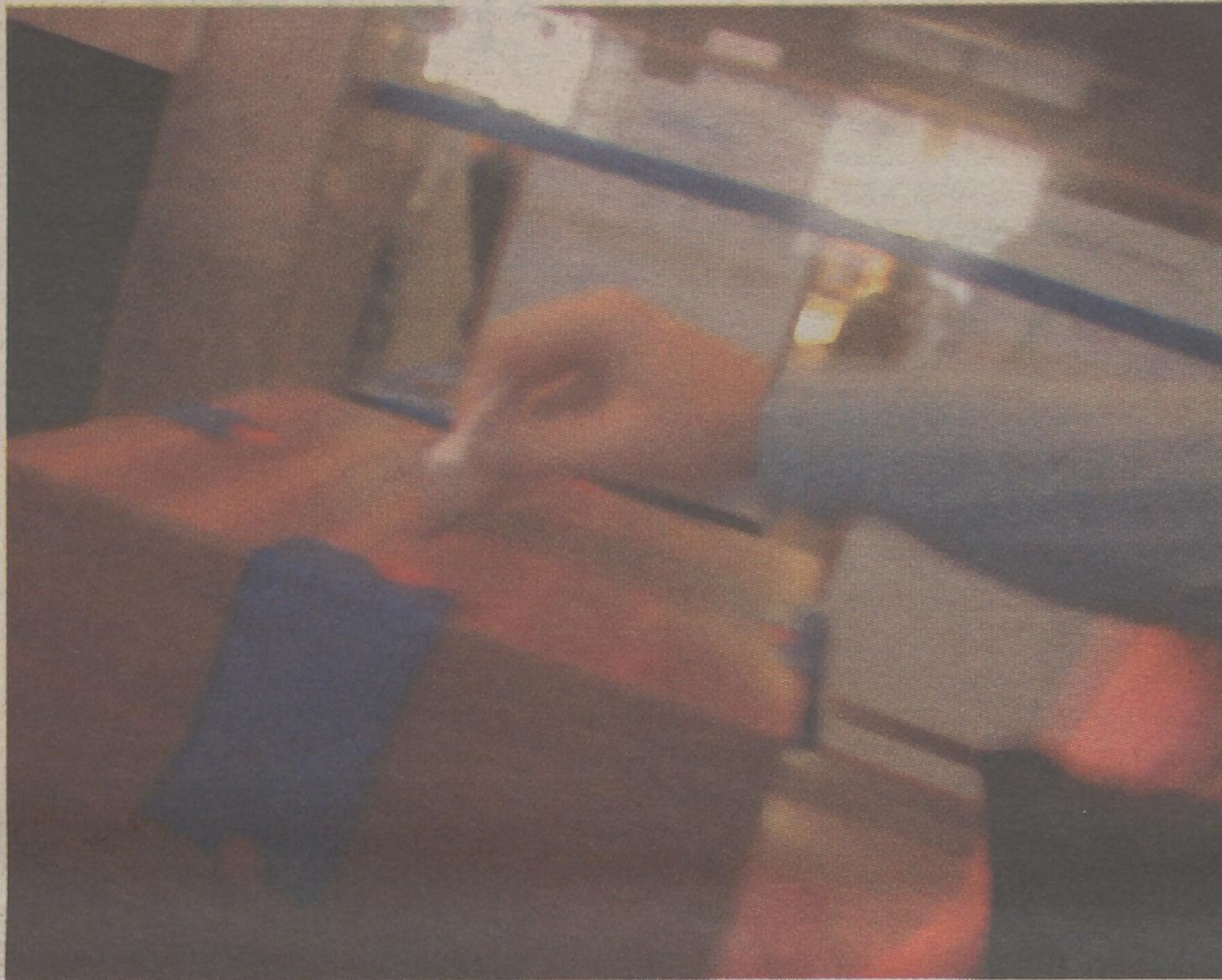
De acordo com o ex-presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) no período de 1992 a 1993, António Vigário, o caciquismo é algo “imemorial nos tempos”. Durante o seu mandato o caciquismo existia mais como “puro” incentivo ao voto. Este facto explica, segundo ele, o aumento da participação dos estudantes que se verificou, em termos numéricos, no que diz respeito ao voto.

Já a estratégia da campanha de Humberto Martins, ex-presidente da DG/AAC de 2000 a 2001, não passou, segundo o mesmo, pela prática do caciquismo. A sua equipa baseou a estratégia na “apresentação aos estudantes das ideias do mandato”.

Humberto Martins não acredita que o estilo de persuasão pelo cacique seja o mais correcto, pois defende que “basta fazer campanha participativa para conseguir o voto”, já que este “tem de ser com consciência”.

Na altura da campanha de 2000, tornou-se público que a oposição baseava a campanha eleitoral nos caciques. Contudo, o ex-presidente está de “consciência tranquila, já que o caciquismo é uma prática lamentável, que torna bastante clara a degradação em que se encontra o voto estudantil”.

Humberto Martins acrescenta ainda que a prática “desresponsabiliza eleitores e candidatos”. No entanto, mostra o seu entusiasmo para com a Associação Aca-



Em altura de eleições o apelo ao voto atinge extremos

démica de Coimbra (AAC), na medida em afirma que a instituição “tem vindo a dar lições a esse respeito ao resto do país, ao longo dos tempos”.

No período de 2002 a 2003, Victor Hugo Salgado foi o presidente da DG/AAC. O ex-presidente vê o caciquismo como “uma resposta da lista que perde”, na medida em que normalmente esta acusa a lista vencedora de praticar esta modalidade persuasiva. Durante a sua campanha foi “difícil definir quem praticou caciquismo ou não”. Segundo Victor Hugo Salgado, trata-se de um fenómeno típico, já muito enraizado na história da Direcção Geral. Para o ex-presidente, é muito difícil definir caciquismo, já que “uma lista sem capacidade de mobilização não consegue ganhar as eleições”, mas tal também não significa que se trate de conseguir um voto por persuasão ou não.

De acordo com Miguel Duarte, ex-presidente da DG em 2004, sempre existiu caciquismo. Ele explica que “quanto mais proximidade há entre os eleitores e o candidato”, mais provável é a existência “deste tipo de coisas”. Miguel Duarte vai mais além dizendo que o fenómeno é “um dos maiores problemas da democracia, já que perverte a construção da consciência”. Assim sendo, o antigo dirigente da AAC encara a prática como algo negativo, mas que tem vindo a ocorrer cada vez mais. Para ele, o caciquismo “vai contra o livre-arbítrio”, mas encontra o seu “limite na consciência de cada um”. O antigo presidente apresenta ainda uma solução que passa pela “formação das pessoas envolvidas nas campanhas eleitorais”, de forma a preocuparem-se com a transmissão de “uma mensagem de qualidade”.

Cacique na história

O caciquismo é um fenómeno que surgiu nos países europeus após as revoluções liberais do século XIX. Embora tenha sido importante em países como Alemanha, Inglaterra ou França, a existência da prática é “mais marcada no Sul da Europa”, afirma Amadeu Carvalho Homem, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Segundo o professor, o caciquismo é “um fenómeno com maior expressão em sociedades menos desenvolvidas”. Também na América Latina a prática se tornou corrente, como por exemplo no Brasil, onde era conhecida como “política da mão-no-ombro”.

O caciquismo foi mais frequente nas zonas rurais portuguesas, pois a população urbana era “mais esclarecida, mas, sobretudo, mais economicamente independente”, defende Carvalho Homem. No interior do país, as forças partidárias serviam-se dos “notáveis da terra”, pessoas com grande poder efectivo, para viciar o funcionamento das eleições, como o grande proprietário de terras, o padre, o professor primário ou o boticário (equivalente ao farmacêutico actual).

O fenómeno do caciquismo prolongou-se durante todo o século XIX, e mesmo após a Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910. Durante o Estado Novo, a prática continuou, embora “não só nas eleições”, defende Carvalho Homem. O cacique distribuía os boletins de voto antes das votações, acompanhados de bacalhau, mas organizava também manifestações “espontâneas” de apoio a António Oliveira Salazar.

Segundo Amadeu Carvalho Homem, o caciquismo ainda existe, “sob formas mais encapotadas”, apontando como exemplo a imprensa. Embora defenda que o fenómeno era “mais amplo e menos subtil” do que actualmente, o docente lembra que “a ignorância é a grande auxiliar do caciquismo”.

Vox Pop



Fernando Alves, 27 anos, quarto ano de Geografia

O cacique é o acto de levar a votar todos os que, por ignorância, falta de informação, ou de interesse, não o fariam.

Nos primeiros anos em Coimbra, devido à falta de esclarecimento que há nas eleições, os estudantes não têm ideia e quando vão votar é por causa do cacique.

É sempre mau quando as pessoas vão votar sem ser de livre vontade. Actualmente, o cacique é que faz as pessoas votar. A maioria não sabe no que vota. Vão dar um voto de simpatia. Acho que as eleições para a Direcção-Geral, a continuar a este ritmo de cacique, corre o risco de se tornar num concurso, do género: “as pessoas da minha lista conhecem mais gente que as da tua”.

Vox Pop



Sérgio Gaspar, 22 anos, quarto ano de Direito

Cacique é a manipulação do voto no dia das eleições. Sou contra. Um voto com contrapartida material, por exemplo “depois pago-te uma cerveja”, considero como cacique. Explicar o projecto, para ajudar a votar em consciência, não é cacique, é sempre positivo.

Há cacique porque não há boa informação. O ensino massificou-se, por isso é difícil passar ideias. Há pessoas tão empenhadas que acabam por não olhar para os meios. É difícil distinguir entre a manipulação da intenção de voto e a informação sobre um projecto. O cacique influencia as eleições, pois os dias de eleições acabam por se confundir com a campanha.

Vox Pop



Nuno Duro, 28 anos, quinto ano de Farmácia

O cacique é coagir as pessoas a votar em aquilo de que não fazem mínima ideia.

É mau porque as pessoas têm direito à sua opinião e a escolher o voto baseado no que sabem, e não por serem obrigadas ou por um amigo dizer “vota em mim”. Acho esta prática horrível. Concordo com uma abordagem aos estudantes para apresentar as ideias da lista. Mas torna-se sempre cacique porque acabam por falar mal das outras listas ou fazer cacique directamente.

Acho que esta prática influencia, e em muito, os resultados das eleições.

Cacique na Academia

TEMA

A consciência do cacique

O presidente da Comissão Eleitoral, Dominic Cross, afirma que "vai tentar a todo o custo evitar a coação verbal, ou até mesmo física, que incentive ao voto numa determinada lista". O estudante de Geografia garante ainda que vai "tentar impedir abusos de poder", ou seja, "que as listas se apoderem de instalações da direcção-geral ou dos núcleos de estudantes para persuadirem os estudantes". Para tal, diz que vão ser seguidas as normas estipuladas pela Comissão Nacional de Eleições.

Já o presidente da Comissão Eleitoral do ano passado, António Silva, afirma que "é impossível evitar o cacique, pois a prática sempre existiu em todas as eleições de estudantes". Em relação às eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra de 2005, António Silva explica que a comissão eleitoral "tentou impedir, sobretudo, o cacique à boca das urnas e à entrada das próprias faculdades". No entanto, garante que "o cacique influencia, sem dúvida nenhuma, a adesão às urnas".

Quanto a episódios peculiares, recorda o facto dos próprios membros da Comissão Eleitoral terem sido alvo de cacique, e lembra que na faculdade de Direito existem "verdadeiros homens-sombra para tentar controlar a participação no escrutínio".

O antigo estudante de Direito, ex-senador e membro da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra no mandato de Humberto Martins, Guilherme Oliveira considera que o cacique "nunca é legítimo, mas uma vicissitude da AAC que vai sempre existir". O advogado garante "que todas as listas fazem cacique, mesmo aquelas que se apelidam de anti-cacique". Quanto às estratégias utilizadas para persuadir os estudantes, Guilherme Oliveira fala de contra-cacique, em que a tática "é fazer marcação cerrada a eventuais caciqueiros, para evitar

que estes façam cacique. É, no fundo, um marcação homem a homem".

O antigo estudante refere ainda que a maior participação dos estudantes nos últimos actos eleitorais "está directamente relacionada com o cacique, tanto nas eleições para os corpos gerentes da AAC como para os núcleos de estudantes ou os órgãos de gestão". Guilherme Oliveira exemplifica que, para as eleições dos núcleos, como por exemplo de Direito, que é a realidade que conhecia melhor, o próprio dia de escrutínio era marcado tendo em conta o potencial de cacique em determinado ano. Isto é: "se a lista Y tivesse um grande cacique no 3º ano e estes alunos tivessem mais aulas na terça-feira, então, o acto eleitoral era agendado para esse dia". O ex-senador acrescenta ainda que era muito comum nas faculdades de Direito, Letras e Economia "votarem mais estudantes do que o número que ia nesse dia à faculdade".

Cacique, "antigo como a democracia"

Já o estudante de mestrado em História de Arte, José Noras, considera que o cacique "é tão antigo como a própria democracia, existindo não só nas eleições de estudantes como nas próprias eleições autárquicas ou legislativas". No entender deste, o cacique que "apela à participação no acto eleitoral não é reprovável, mas sim aquele que persuade directamente alguém a votar numa determinada lista". O estudante condena ainda as práticas de cacique que advém da praxe, nomeadamente através das comissões e dos próprios jantares de curso.

Quanto ao cacique electrónico, José Noras afirma que "se trata de um problema mais grave, uma prática criminosa, visto que se arranjam números de telemóvel das formas mais estranhas". Por exemplo, no ano passado, estudantes que "se encontra-

vam em Erasmus receberam mensagens de cacique porque alguém tinha arranjado os seus contactos através da rede Sócrates/Erasmus. O que está aqui em causa é a violação da privacidade das pessoas", afirma.

No entanto, o estudante reconhece que "é muito difícil travar esta prática, até porque na academia o cacique funciona muito na base do amiguismo". E garante que se não houvesse cacique, a afluência às urnas seria bem menor".

Como soluções, propõe a criação de um dia de reflexão, como acontece nas eleições nacionais, "pois poderia refrear um bocado o cacique", defende. José Noras considera ainda que, por uma questão de transparência, a Comissão Eleitoral "deve impedir o cacique à boca das urnas, isto é, entre os 10 e os 20 metros, pois por vezes numa área tão pequena estão cerca de 20 estudantes a tentar convencer os colegas a irem votar".

Vox Pop



Ana Nobre, 18 anos, primeiro ano de Estudos Europeus

Não, não sei o que é cacique. Penso que não se tem de evitar o cacique porque todas as listas procuram o voto, o que é perfeitamente normal. Toda a gente que faz parte de uma lista procura alcançar votos. Independentemente de conhecer a pessoa que aborda ou não, vai persistir para a pessoa votar nele.

Se fosse alvo de cacique levava na brincadeira. Acho que tentava saber do que se tratava e escolhia em acordo com os meus ideais, sem ser influenciada. Mesmo que fosse um amigo, primeiro queria saber mais, e só depois pensava para decidir.

Vox Pop



Tiago Costa, 18 anos, primeiro ano de Arqueologia e História

Não sei o que é o cacique. Mas acho essa prática boa, no sentido em que as listas se fazem conhecer aos caloiros. Nós caímos aqui de pára-quedas e se uma lista vem falar connosco, acaba por explicar o que está a acontecer, logo é positivo. Como caloiro é difícil ter acesso a informação, por isso é bom se as listas venham ao nosso encontro.

Face ao cacique, eu não me deixava influenciar, queria perceber e tentava saber mais sobre o assunto.

Penso que a maioria deveria pensar primeiro. Se fosse pressionado, não votava, ou preferia votar em branco.

Vox Pop



Ana Dias, 18 anos, primeiro ano de Farmácia

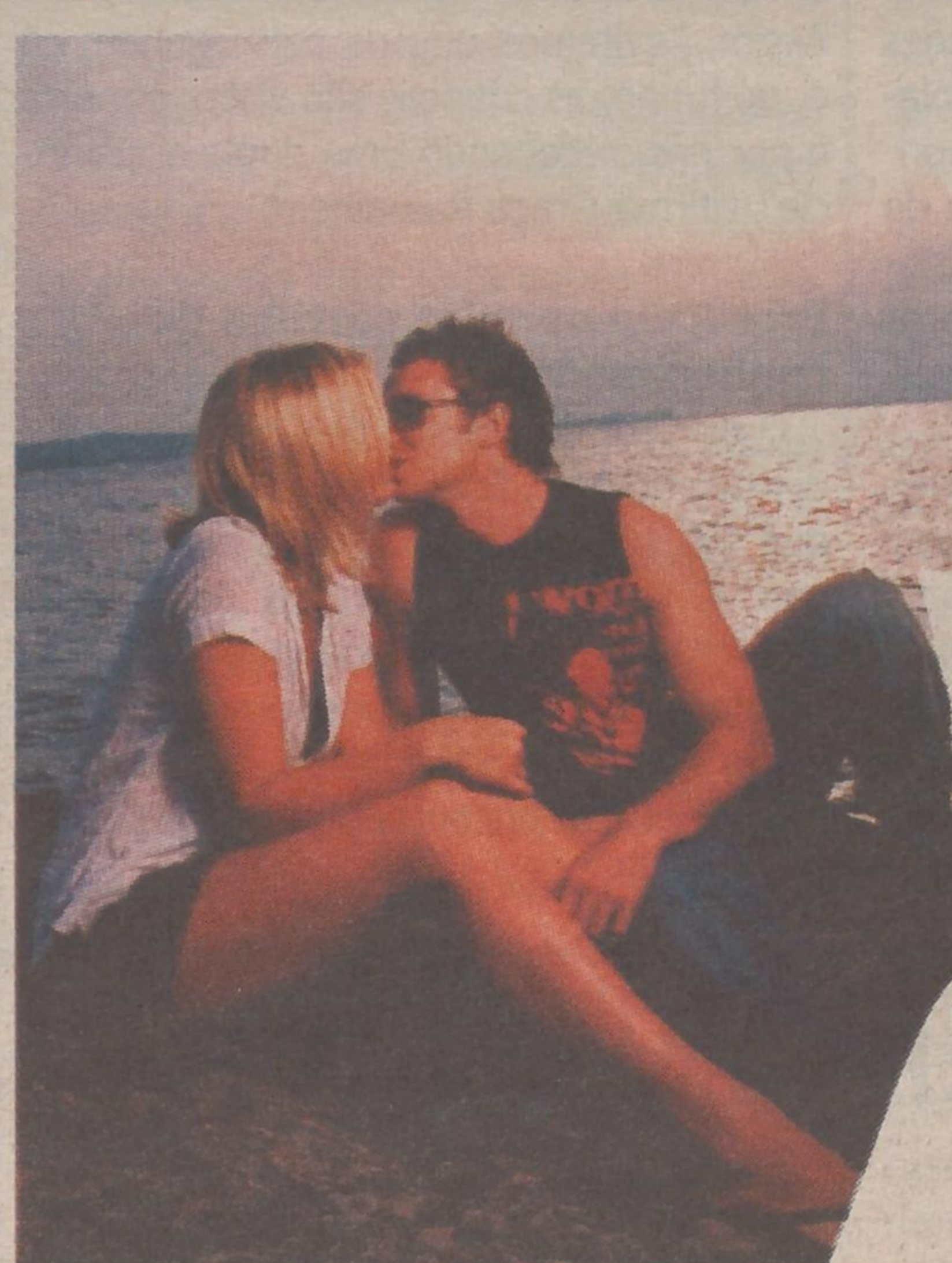
Não concordo que alguém influencie o voto de uma outra pessoa, porque o voto tem que ser feito com consciência, e de acordo com os princípios da própria pessoa.

O cacique pode ser considerado uma maneira de apelar ao voto, mas não é a mais correcta. O voto tem que ser livre. Por isso, a informação deve passar por outra forma.

No caso de ser abordada pelo um colega, tentava conhecer as propostas de cada lista para ficar a conhecer as que são mais próximas das minhas ideias. Não votava por ser um amigo. Claro que depende das pessoas, mas deviam ter "força".

DOCE OUTONO NA TAGUS

PORQUE A SAUDADE É INFINITA!



| | |
|---|--------------------------------------|
| XANGAI DESDE 877€ | BOSTON DESDE 834€ |
| BARCELONA E GIRONA DESDE 525€ | HONG KONG DESDE 945€ |
| ISTAMBUL DESDE 358€ | VIENA E GRAZ DESDE 618€ |
| BUENOS AIRES DESDE 744€ | |

Preços sujeitos a alterações e disponibilidade, e arredondados de 100.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
|  | Coimbra Edifício A.A.C. Rua Padre António Vieira 3000-314 Coimbra Tel.: +351 239 83 49 99 Fax.: +351 239 83 49 16 | Lisboa Rua Camilo Castelo Branco, 20 1169-128 Lisboa Tel.: +351 21 352 59 86 Fax.: +351 21 353 27 15 | Lisboa Av. Rovisco Pais, 1 Ed. A.E.I.S.T. 1056-001 Lisboa Tel.: +351 21 847 38 19 Fax.: +351 21 847 32 31 | Lisboa Praça de Londres, 9-C 1000-192 Lisboa Tel.: +351 21 849 15 31 Fax.: +351 21 848 53 63 |
| | Porto Rua do Campo Alegre, 261 4150-178 Porto Tel.: +351 22 609 41 40 Fax.: +351 22 609 41 41 | | Braga Praça do Município, 7 4700-435 Braga Tel.: +351 253 21 51 44 Fax.: +351 253 21 51 94 | Faro Av. 5 de Outubro, 24-C 8000-076 Faro Tel.: +351 289 60 54 83 Fax.: +351 289 60 51 34 |

TELESALES 21 892 54 54 www.viagenstagus.pt

Telemedicina liga Pediátrico a África

Cardiologistas de Coimbra arrancam com o projecto em Fevereiro

Sistema pioneiro de telemedicina permite que cardiologistas do Hospital Pediátrico de Coimbra consultem crianças africanas em tempo real

Sandra Camelo
Joana Nunes
Wnurinham Silva

O Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC), em parceria com a Associação Saúde em Português (ASP), vai estender as consultas de telemedicina, nas áreas de cardiologia fetal e pediátrica, aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a partir do próximo ano.

Neste âmbito, Angola e Cabo Verde já assinaram o protocolo com o HPC, sendo os primeiros a beneficiar desta tecnologia de baixo custo, que vai permitir estabelecer um contacto em tempo real com os médicos qualificados do serviço de pediatria de Coimbra. Já decorreram reuniões entre a ASP e o Ministro da Saúde angolano, Sebastião Veloso, que manifestou vontade de antecipar o início da prestação do serviço, previsto para Fevereiro de 2006. Os técnicos de saúde dos PALOP membros deste projecto irão também receber cursos de formação.

A cardiologista pediatra Graça Ramalheiro explica que, a partir do momento em que um centro hospitalar africano marca uma consulta, recebe o apoio do Hospital Pediátrico de Coimbra e expõe, em tempo real, as dúvidas que tem. Desta maneira, a pediatra garante conseguir, "através de



Angola e Cabo Verde serão os primeiros a beneficiar da experiência médica do Pediátrico

um exame no local, orientado por nós, chegar a uma conclusão de diagnóstico". Assim, "evitamos que os pais venham cá e, no fundo, as crianças são vistas por eles e por nós, recebendo uma dupla assistência", afirma Graça Ramalheiro.

Protocolo permite partilha de conhecimentos

O director do Serviço de Cardiologia Pediátrica do HPC, Eduardo Castela, acredita que "há uma evolução nossa e dos colegas". O também coordenador regional do projecto acrescenta ainda que "tanto os utentes como os próprios médicos ganham com esta actividade". E explica: "o médico que se encontra do lado de lá sen-

te-se muito mais apoiado porque pode repartir a responsabilidade, a discussão, os diagnósticos e o tratamento".

O coordenador regional declara que a Administração Regional de Saúde (ARS) tem dado um grande apoio no desenrolar de todo o projecto. E refere ainda que a Saúde em Português é outra associação que muito contribuiu no protocolo para começar a fazer consultas de telemedicina com Angola e Cabo Verde.

A ASP já contactou com o Estado português no sentido de obter apoios para a concretização do projecto, nomeadamente do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento.

Em Angola, morrem 15 crianças por dia,

números que preocupam não só o Estado angolano como também o HPC, que lidera o projecto com o intuito de inverter a situação. A iniciativa encontra-se acessível a qualquer centro hospitalar que queira usufruir de um serviço que "promove a partilha de informação entre profissionais, permite a transmissão de imagens de diagnóstico, sinais de áudio e de vídeo em tempo real e com óptima resolução". Desta forma, diminuem-se carências de recursos técnicos e humanos em locais mais isolados, permitindo o acesso a cuidados de saúde especializados a todos os pacientes.

Telemedicina em Portugal

A telemedicina foi introduzida no país em 1998 e desde então tem-se notado uma evolução tanto a nível material como a nível de conhecimentos.

O principal objectivo dos docentes de Coimbra era conseguir que as consultas de telemedicina na área de cardiologia pediátrica e fetal abrangessem toda a zona centro de Portugal, e feito o balanço, verificam que a meta foi alcançada. As consultas de telemedicina na região centro foram "um êxito", também porque faltam cardiologistas pediatras em vários pontos do país.

Recentemente, mais duas cidades, Vila Real e Castelo Branco, receberam este sistema inovador. No entanto, apenas Coimbra e Lisboa realizam consultas de cardiologia pediátrica e fetal por telemedicina. Contudo, a capital pouco utiliza este método. Os docentes do Hospital Pediátrico de Coimbra consideram a aposta nesta área um desafio inovador e exigente.

CIMAGO QUER MAIS VERBAS CONTRA O CANCRO

Sérgio Miraldo

No próximo dia 19 de Novembro decorre na vila termal do Luso um encontro de entidades ligadas à investigação oncológica. O Centro de Investigação em Meio Ambiente, Genética e Oncobiologia (CIMAGO), com sede em Coimbra, estará presente no evento, que pretende discutir questões relacionadas com a biologia molecular.

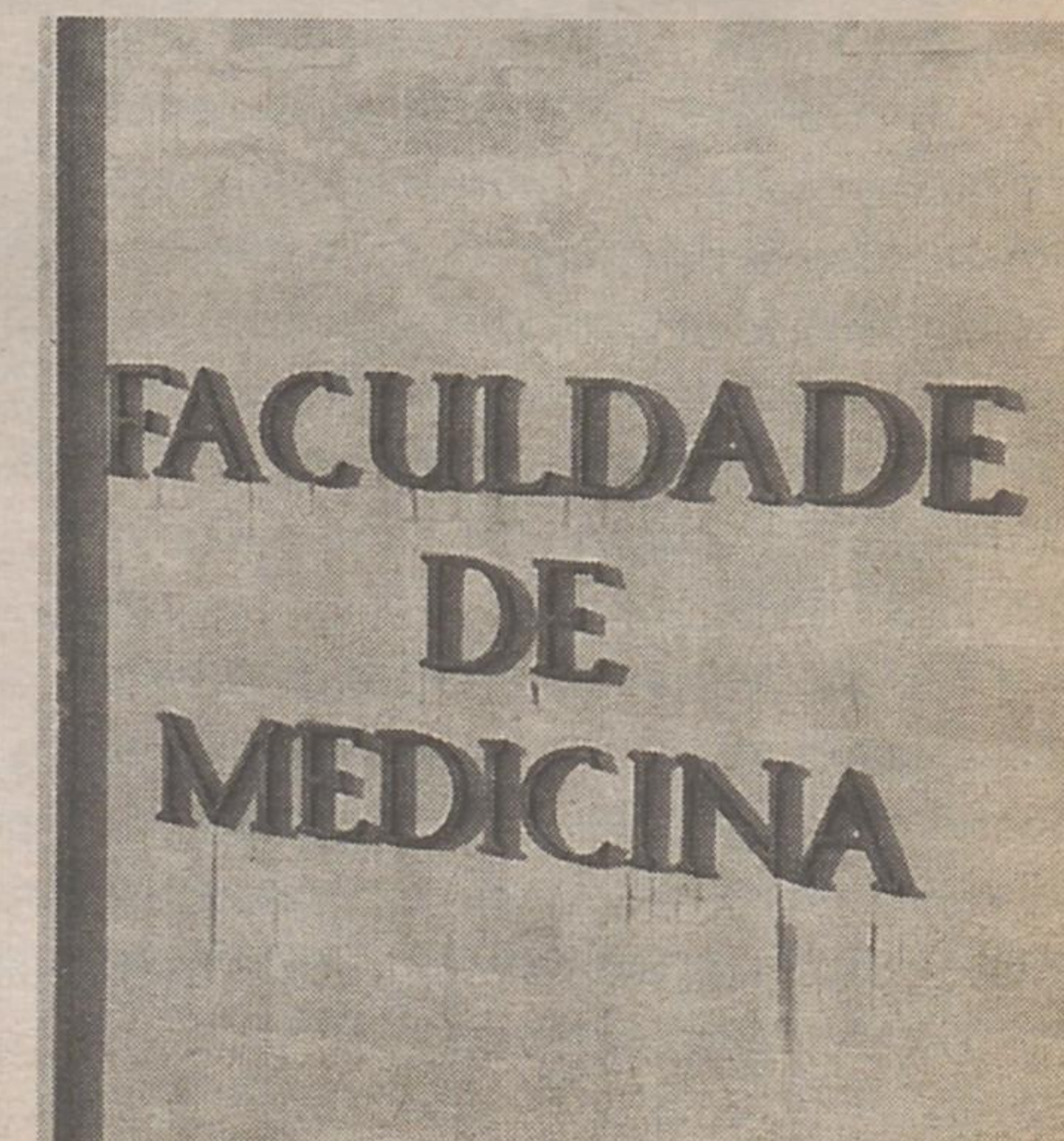
O presidente do CIMAGO, Carlos Oliveira, espera conseguir atrair investimentos de empresários da região centro de Portugal, afirmando que "gostaria de ter a colaboração de outros organismos, que

não da área da saúde, que compreendessem a mais valia do centro e a importância que ele pode ter para a própria região". Segundo o director, "a investigação na área está, neste momento, polarizada em Lisboa e no Porto", pelo que o CIMAGO "tem que ter uma posição forte no sector."

Carlos Oliveira espera, ainda, "num futuro, a médio prazo, construir na zona do Pólo III um laboratório central de biologia molecular, vocacionado para a área do cancro", sendo existe já um acordo com a Reitoria da Universidade de Coimbra. O centro pretende também obter financiamento para o projecto através de uma

candidatura aos próximos fundos comunitários.

O CIMAGO é composto por vários laboratórios da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC) e entidades como a Universidade de Aveiro e o Centro de Histocompatibilidade do Centro. O objectivo da sua actividade, desenvolvida na FMUC, é o apoio financeiro de projectos de investigação que estejam ainda numa fase embrionária, na área do cancro. Depois de validados, através de artigos publicados em revistas científicas internacionais, os projectos têm a possibilidade de se candidatarem a financiamentos que envolvam verbas muito superiores.



Seleccção em Coimbra

“Com chuva não dá”

Mau tempo afectou o negócio dos comerciantes e a afluência dos adeptos ao Estádio Cidade de Coimbra

Patricia Costa
Tânia Ramalho

Os conimbricenses receberam no sábado o jogo de preparação entre Portugal e a Croácia, após a qualificação de ambas as selecções para o Mundial de 2006, a realizar na Alemanha. O ambiente enregelado acabou por afastar muitos espectadores do “Cidade de Coimbra”. As vendas de bilhetes atingiram cerca de 60 por cento da lotação total do estádio, o que equivaleu a 16.370 espectadores, muito aquém do desejo de Scolari em ver “30.000 pessoas nas bancadas”.

Antes do jogo, A CABRA procurou saber como decorreu o comércio dos artigos relativos à selecção e quais as expectativas dos adeptos em relação à partida.

No mercado ambulante, Hélder Agostinho, 19 anos, proveniente de S. João da Madeira mostrou-se “insatisfeito” por vender “pouco mais de uma dúzia de cachecóis”. Já José da Silva, 31 anos, viajou de Lisboa para fazer um bom negócio. No entanto, este revelou-se “pessimista”. Mais perto de Coimbra, Vítor Daltot, 32 anos, comerciante de algodão doce, explica a fraca procura com uma espontânea declaração “com a chuva não dá”. Pelo contrário, Marta Gonçalves, 27 anos, originária de Tomar, demonstrou-se “bastante satisfeita” com a venda da castanha, muito procurada, “não pelo frio, mas por ser a época do magusto”.

Na segunda recepção da selecção das “quinas” em Coimbra, depois do Portu-



A chuva afastou os adeptos do amigável com a Croácia

gal-Suécia a 28 de Abril em 2004, as esperanças dos adeptos não foram desfeitas. José Medeiros, 47 anos, natural de Coimbra, apostou num “2-0 puxadinho”, apontando Pauleta e Petit como os goleadores de serviço. Pedro, Paulo, Nuno e Joel, um grupo de amigos vindo de Avô, aldeia próxima de Oliveira do Hospital, perspectivaram também um 2-0 a favor de Portugal.

Contrariando o rumo das abordagens, surgiram testemunhos de adeptos croatas. Dominic Stefaniskova, 17 anos, estónio, temporariamente a viver em terras lusas, “não quis deixar de apoiar a selecção croata”, apontando 1-2 como resultado final. Por fim, Edgar, 28 anos, engenheiro, e Miguel Moreira, 28 anos, contabilista, ambos portugueses, apostaram na vitória croata, explicando a sua escolha por motivos de ligação ao país.

Portugal faz render apostas

No que respeita ao jogo, e a fim de “rodar um pouco os jogadores e testar outros sistemas”, Scolari alterou o “onze” utilizado nas partidas anteriores. Tiago ocupou o lugar entregue normalmente a Deco, Miguel jogou no flanco direito da defesa e Marco Caneira no flanco esquerdo, substituindo Nuno Valente, ausente por lesão.

Antes do apito inicial, Nuno Gomes e Fernando Meira foram distinguidos, respectivamente, pelas 50 e 25 internacionalizações por Portugal.

A primeira parte do jogo foi disputada sobretudo a meio-campo, com poucas

jogadas de perigo. No entanto, logo no primeiro minuto, Pauleta fez entrar a bola na baliza de Butina, mas em fora-de-jogo. Aos 13 minutos, os jogadores portugueses pediram grande penalidade ao árbitro Kim Nielsen, que nada assinou, depois de uma falta sobre Ronaldo. Boa Morte revelou-se o “motor” de ataque da selecção, apoiado por Caneira, realizando todos os ataques do flanco esquerdo. Só ao minuto 20 é que a Croácia chegou, com perigo, à baliza defendida por Ricardo, por intermédio de Balaban, detentor de um remate fortíssimo. O jogador chegou a assustar Ricardo, com um “petardo” que embateu na trave.

Aos 31 minutos, Petit, na marcação de um livre directo a meio do meio campo da Croácia, “estoiro” para o golo inaugural. Só aqui o público se fez sentir com gritos entusiásticos, bandeiras e cachecóis.

A segunda parte começou com um remate perigoso de Cristiano Ronaldo à malha lateral. O segundo golo chegou aos 65 minutos, através de um remate cruzado de Pauleta, depois de um excelente trabalho individual do número 9 da selecção.

Scolari rodou todo o banco de suplentes, à excepção de Jorge Andrade e Paulo Santos, pela primeira vez convocado.

A Croácia só criou perigo aquando de duas saídas em falso do guarda-redes português. A partida acabou com dois lances de perigo da selecção, um remate de Jorge Ribeiro ao lado e um remate cruzado de Nuno Gomes.

Ponto & Vírgula

por Tiago Almeida

Em discurso directo

“Muitos seriam os clubes e os órgãos de comunicação social a assumir, de uma vez por todas, as responsabilidades”

Muitas considerações foram levantadas a propósito das conhecidas declarações do brasileiro Roberto Brum à imprensa, no passado dia 31 de Outubro. Após o desaire do Organismo Autónomo de Futebol da Académica, no dia anterior, frente ao Penafiel, Brum não hesitou no discurso, nem na mensagem de insatisfação que quis transmitir ao universo académista.

Três dias depois, a imprensa divulgou a satisfação do corpo directivo do OAF pelas palavras do médio. O próprio jogador confirmou que José Eduardo Simões lhe terá endereçado os parabéns.

Se, por um lado, Brum não surpreendeu pela atitude, por outro, é discutível imaginar outro jogador da equipa a tê-la. Terá sido a necessidade do atleta em desabafar que falou mais alto? Ou, meramente, o carácter e o profissionalismo do jogador a prevalecerem?

Quem tem acompanhado a estadia, ainda curta em Portugal, do brasileiro, sabe que é um jogador que roça a perfeição. Batalhador, dinâmico, equilibrado defensivo e ofensivamente, tacticamente evoluído e competitivo. Em muitos jogos, foi ele a voz de comando do meio-campo da equipa e, em alguns momentos, como o da entrevista, foi mesmo ele o principal motor da Brios, dentro e fora das quatro linhas. Não porque influenciou os três pontos conquistados ao Vitória de Guimarães, mas porque foi a primeira voz sólida e coerente do plantel da Brios a associar a palavra “incompetência” a “todas as pessoas que estão directamente ligadas ao futebol da Académica”.

Mais do que confirmar alguns sinais evidentes – vencer em Alvalade e perder em Penafiel não é uma coincidência –, Brum conseguiu, ao ser verdadeiro, instalar a dúvida em muitos academistas.

Muitos seriam os clubes e os órgãos de comunicação social a assumir, de uma vez por todas, as responsabilidades de quem se esquece do ponto final ;





FAUSTO MOREIRA

Venda dos terrenos na Arregaça pode salvar o União de Coimbra

União enfrenta situação difícil

Alguns dos bens do clube de Coimbra vão ser leiloados em hasta pública, no próximo dia 24, por dívidas ao Estado

Bruno Gonçalves

O Clube de Futebol União de Coimbra depara-se com dívidas ao Estado que somam cerca de 600 mil euros. Desta quantia, 200 mil estão já na posse das Finanças.

Questionado sobre a origem dos problemas, o Presidente da Comissão Administrativa, Carlos Balteiro, confessa que "a situação já não é recente, vem de há uns anos atrás, e remete para dívidas que o clube

tem vindo a acumular principalmente com as finanças".

Contudo, as penhoras efectuadas pela Direcção-Geral dos Impostos remetem para dívidas mantidas também ao IRS, IVA, Segurança Social, e referentes a coimas.

Nos bens penhorados ao clube, está englobado, "não só o autocarro, mas também as carrinhas, o que pode inviabilizar o programa de trabalho, nomeadamente dos juvenis", confessa o dirigente. Mas a lista de penhoras contempla também, entre outras coisas, materiais como mesas, cadeiras, secretárias, sofás, uma fotocopiadora, um balcão frigorífico e até um fogão.

Contudo, Carlos Balteiro ainda tem esperança que os problemas do União se resol-

vam, e deposita as suas esperanças na boa vontade dos sócios.

"Nós não podemos fazer nada, mas estamos cientes que haverá alguns sócios que se possam habilitar a comprar (os bens) para depois os poderem dispensar ao clube", confessa o dirigente. "A equipa nunca acabará", afirma Balteiro, quando questionado sobre o futuro do clube.

Depois de terem conseguido na última jornada a primeira vitória, o União soma apenas quatro pontos, mas Carlos Balteiro confessa que a soma se encontra dentro da pontuação que esperavam ter nesta altura, sendo que "os objectivos com que partimos para a época é a manutenção da equipa na divisão".

"Temos confiança, não só nos nossos jovens jogadores, mas também na equipa técnica, e estamos convictos que a equipa se manterá", adianta o presidente da Comissão Administrativa.

O dirigente afirma que a equipa se "tem mantido à margem dos problemas financeiros, tem suado a camisola e lutado para que os objectivos sejam alcançados".

Novo complexo desportivo arranca em 2006

O projecto de reconversão da Arregaça envolve a requalificação de todo o complexo desportivo, a instalação de um campo relvado sintético, e criação de infraestruturas de apoio, como um departamento médico e a construção de dois blocos de apartamentos.

"Para além disto, temos também que construir uma nova sede, a nossa sede está a cair", avança Carlos Balteiro.

O projecto está orçado em cerca de 1,5 milhões de euros, mas "será uma empresa que construirá o campo e ao mesmo tempo ficará encarregue de construir os apartamentos", e, com a venda dos terrenos onde serão erguidos os apartamentos, esperam obter receitas consideráveis.

O dirigente espera com estes lucros "pagar as obras na Arregaça e, com o que sobra, as dívidas do União, o que permitirá aos que vierem uma estabilidade financeira", que afirma não ter tido.

A comissão está à espera que a época desportiva termine, para que, em Abril ou Maio comece a construção. A próxima época não será disputada na Arregaça, uma vez que as obras durarão cerca de um ano.

A comissão administrativa termina as suas funções em Abril. O presidente confessa que neste momento a ideia "é não continuar, esperar que venham novos, com outras ideias e formas de trabalho, e que possam assegurar a continuidade", acrescenta.

Contudo, o dirigente não descarta a ideia de ter que continuar à frente do clube, caso não apareça uma nova direcção.

Secção de Futebol

Académica perde lugar no pódio

No Campeonato Nacional por Equipas, a Académica perdeu os títulos feminino e masculino que tinha conquistado o ano passado

Sandra Henriques

A Secção de Ténis da Associação Académica de Coimbra (STAAC) marcou presença no Campeonato Nacional de Ténis de Equipas da I Divisão, que decorreu entre os dias 30 de Outubro e 6 de Novembro, na Quinta da Marinha. Tanto a equipa masculina como a feminina perderam os

títulos de campeões nacionais que detinham.

A formação masculina acabou a competição em quinto lugar, o que não lhe permitiu manter-se na 1ª Divisão. No último jogo, a STAAC tinha por adversário o Ginásio Alto do Duque. O jogo precisou de ser discutido num "tie-break", depois de um 3-3 parcial, onde os estudantes acabaram por perder.

O técnico da equipa da AAC, Eduardo Cabrita, classifica o comportamento do conjunto da Académica como "altamente meritório", defendendo que a sua condição "era compatível ao nível das outras equipas". Contudo, o técnico reconhece que a equipa "efectivamente perdeu e

não conseguiu atingir o nível do ano anterior". Segundo ele, a qualidade da competição aumentou muito e "neste momento o campeonato nacional de equipas é a segunda maior prova do país, partindo do princípio que a primeira é o Estoril Open".

Quanto à equipa feminina, que era campeã nacional há três anos consecutivos, acabou por ver o seu anterior lugar no pódio conquistado pelo Clube de Ténis da Nazaré, com quem disputou as meias-finais.

As atletas da Académica acabariam por alcançar o terceiro posto da competição, situação que Eduardo Cabrita justifica com a afirmação de que "a qualidade do sector feminino foi inferior ao que estava-

mos habituados nos anos anteriores". De acordo com o técnico, "numa modalidade em que a qualidade dos atletas é cada vez mais igual", quando a forma física e a técnica se equilibram, "o que determina a diferença é a parte psíquica", o que terá feito a diferença em campo.

No que diz respeito a metas para o futuro do Ténis da AAC, o técnico assegura que a estratégia da Secção "não mudou nem tem intenção de mudar", apostando em força numa componente universitária. Quanto ao trabalho das equipas, Eduardo Cabrita afirma que se vai continuar a fazer "um trabalho honesto, frontal, verdadeiro" e que a receita para o sucesso passa por privilegiar a vertente da formação.

Remo da AAC em vitória dupla

As águas do Mondego foram o palco da vitória de dois atletas da Académica na mais recente edição da Regata da Latada, evento que todos os anos junta os melhores atletas em remo da Beira Litoral

Jens Meisel
João Pimenta



Desportos Náuticos da AAC conquistaram dois títulos

No passado sábado, realizou-se a edição de 2005 da Regata da Latada, evento que reuniu nas margens do Mondego cerca de 120 atletas de seis clubes diferentes. Estes elementos tornam a regata numa das mais importantes do género, a juntar atletas universitários, juniores e seniores da Beira Litoral. A par da regata, decorreu ainda o Critério Remo Jovem, competição destinada aos escalões de iniciados e juvenis, na tentativa de recrutar atletas para as selecções regionais.

Ainda que, pela tarde, o vento que se abateu sob o Mondego tenha dificultado um pouco a competição, a verdade é que de manhã reuniram-se as condições atmosféricas perfeitas para a realização da Regata.

Na competição, amplo destaque para a vitória dupla de atletas da Associação Académica de Coimbra: Ivo Maurício a impor-se na categoria de Juvenis Masculinos e Rita Marques a arrancar para o primeiro lugar de Juniores Femininos.

Menção ainda para a presença de dois atletas do Ginásio Figueirense no pódio da disputada competição de seniores masculinos: Ricardo Santos e Artur Antunes, com o primeiro e segundo lugar respectivamente, sendo que o terceiro lugar coube a Eduardo Ferreira, do Clube Infante de Montemor (CIM). Na mais importante das provas femininas, a sénior Vanessa Simões do CIM foi a mais rápida, antecipando-se a Ana Cruz, dos Galitos de Aveiro, com o segundo lugar, e Maria Ligeiro, do Ginásio Figueirense,

que fechou o pódio.

Este evento pode ter sido uma das poucas provas de remo a realizarem-se em Coimbra este ano, avisa Ricardo Reis, da Secção de Desportos Náuticos da AAC. A par da mudança de instalações e da construção da ponte pedonal em plena zona de prática, junta-se como agravante o fraco financiamento de que a secção tem sido alvo. Num futuro próximo, o remo poderá vir a despedir-se temporariamente das águas do rio Mondego.

Secção de Futebol

Regresso às vitórias

À sétima jornada, e após cinco derrotas consecutivas, a Académica chegou ao segundo triunfo

Bruno Gonçalves

A Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (SFAAC) recebeu no domingo, no Estádio Universitário, a União Recreativa de Cadima e venceu por 2-0.

A SFAAC já se havia encontrado com a equipa do concelho de Cantanhede no dia 1 de Novembro, acabando por ser eliminada da Taça da Associação de Futebol de Coimbra (AFC) por 5-2, após prolongamento.

O jogo aparentava ser difícil para a Académica, uma vez que o Cadima se encontrava em 5º lugar na Divisão de Honra da AFC e os estudantes na última posição.

Este factor não assustou os "capas negras", que logo aos 5 minutos iam inaugurando o marcador através da conversão de um livre à entrada da área.

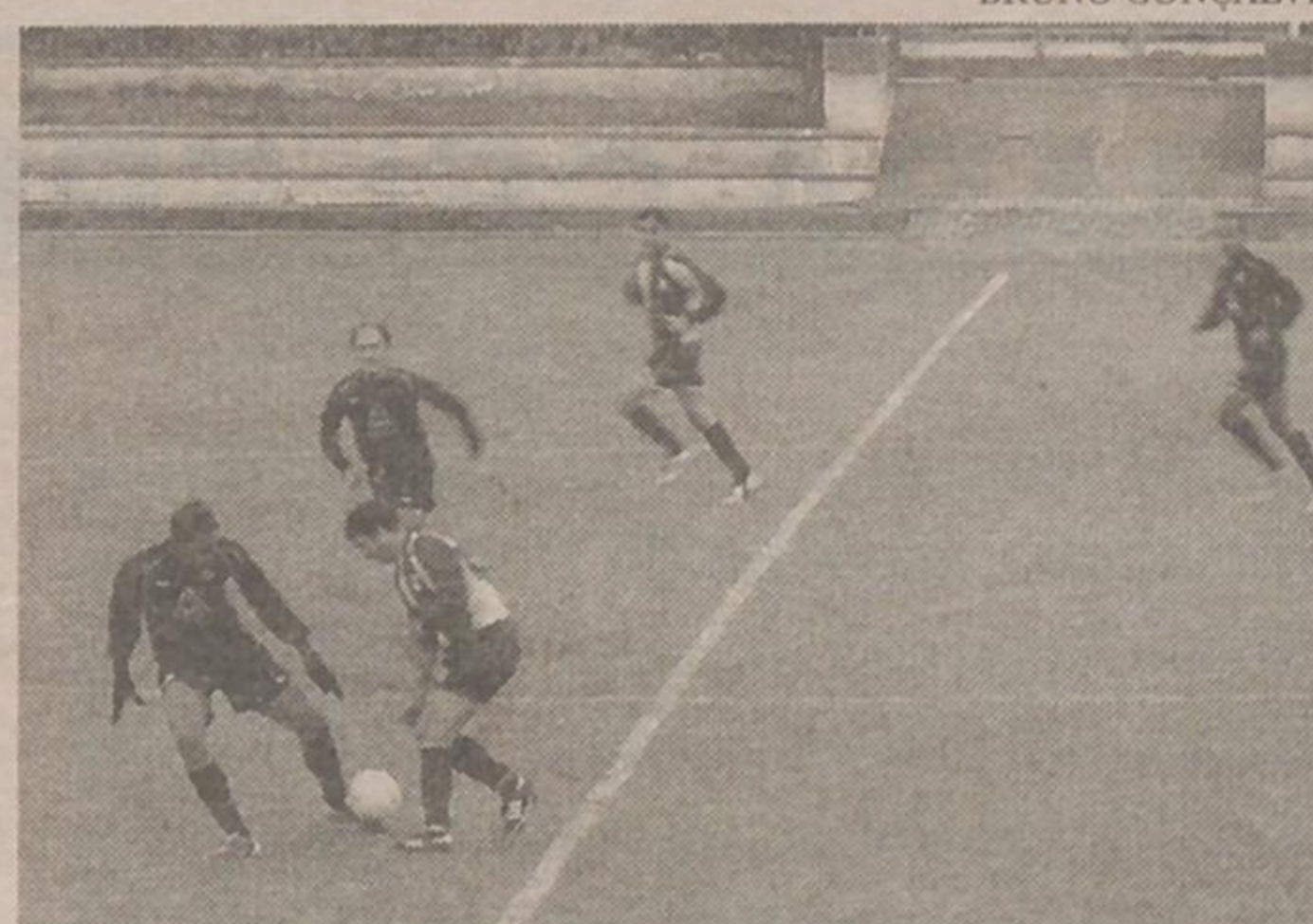
Dois minutos depois, Tony volta a ter oportunidade de alterar o nulo, mas remata ao lado.

O primeiro golo dos estudantes surge aos 19 minutos. Após uma jogada de insistência pela direita do ataque academista, Piçarra muda o flanco para o experiente Filipe que faz um chapéu a Nando e coloca a equipa da casa em vantagem.

A superioridade no marcador justificava-se pela forma aguerrida como os pupillos de Félix se debatiam até ao momento.

Até ao final da primeira parte as duas formações encaixaram completamente a meio-campo e só em raras ocasiões criaram lances de perigo.

A segunda parte recomeçou sem alterações nas equipas e só aos 62 minutos sur-



ge o primeiro lance de perigo. Num contra-ataque do Cadima, valeu o guarda-redes Bento "a tirar o pão da boca" de Marco, quando este estava isolado.

Aos 77 minutos os visitantes ficam reduzidos a dez unidades. Pedro Barbeiro viu o segundo amarelo e Félix de pronto refrescou o ataque da académica, fazendo entrar Moreira.

A equipa de Cantanhede, mesmo reduzida a dez elementos, não se deixou ir abaixo e em várias oportunidades podia ter empatado perante uma Académica ansiosa por matar o jogo.

Ao cair do pano, Tony, após um livre colocado, faz com um bom cabeceamento o 2-0 com que terminou a partida.

Andebol

A Secção de Andebol da Associação Académica de Coimbra (SAAAC) levou de vencida a equipa do Benavente por uns contundentes 26-22. O domínio dos "estudantes" revelou-se através de uma eficácia defensiva, perante o qual o ataque da formação visitante se mostrou infrutífero.

Rodolfo Feitor foi a figura central de uma equipa sólida, mas a que faltou alguma consistência nos remates de primeira linha. Com a vitória, a Académica afasta-se dos últimos lugares da tabela do Nacional da 2ª divisão.

Basquetebol

A Académica soma uma série negativa de cinco derrotas consecutivas, depois de perder no sábado passado frente ao AngraBasket por 81-102, em jogo realizado no Pavilhão Multi-Desportos de Coimbra.

Com este resultado, os "estudantes" caíram para a 14ª e antepenúltima posição da Proliga, contando com duas vitórias e seis derrotas. Na próxima jornada, a realizar dia 26, a Académica desloca-se ao Minho para defrontar o Vitória de Guimarães, líder da prova.

Hóquei em Patins

A equipa de Hóquei em Patins da Secção de Patinagem da Associação Académica de Coimbra (SPAAC) recebeu no passado sábado a equipa do Marinhense, perdendo por um pesado 7-0.

Até esta jornada a Académica tinha ganho todos os jogos em casa e perdido os encontros fora de portas, mas neste jogo acabou com esta estatística.

Na próxima jornada, dia 19, às 18 horas, a SPAAC desloca-se a Cucujães para disputar a equipa local, terminando assim a 1ª volta.

Taekwondo

A Secção de Taekwondo da Associação Académica de Coimbra prepara-se para organizar, em conjunto com a Associação de Taekwondo do Centro, a primeira edição do Meeting da Latada.

O evento realiza-se no próximo sábado, dia 19, e destina-se aos escalões de Juniores e Séniores. O palco será o Pavilhão III do Estádio Universitário.

No mesmo dia do torneio, uma delegação com os mais conceituados atletas da Secção de Taekwondo desloca-se à Nazaré. O motivo é a disputa do VIII Torneio de Taekwondo "Amizade" - Nazaré 2005, que inclui as categorias de Infantis, Iniciados, Juniores e Séniores.

Coimbra recebe Tunas

XV Festival Internacional de Tunas decorre no Teatro Académico de Gil Vicente

O evento procura mostrar ao público as especificidades que cada tuna assume, de acordo com a sua região

Susana Faria
Catarina Pinto

Na próxima sexta-feira, sábado e domingo, a Estudantina Universitária de Coimbra, integrada na Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (AAC), organiza a XV edição do Festival Internacional de Tunas, o Festuna. O evento, que se realiza no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), leva as tunas participantes a concurso, procurando eleger o melhor conjunto. O júri é composto por antigos "Estudantinos" e músicos conceituados de Coimbra, num total de cinco elementos.

Nesta edição do festival, o palco do TAGV recebe a presença de vários grupos: tunas universitárias do Porto, do Minho, de Aveiro e de Lisboa. O evento conta também com a Tuna de Ciências del Distrito de Granada. Para além dos grupos que entram em concurso, o espectador pode contar ainda com as actuações da Estudantina Universitária de Coimbra e com a Tuna Feminina da Universidade de Coimbra. Cada grupo efectua actuações com a duração aproxima-

da de 30 minutos.

O Festuna começou por ser um festival realizado no âmbito da Queima das Fitas, há 15 anos. Na altura, a Estudantina e a Fan-Farra assumiam-se como organizadores do evento. Mais tarde a Estudantina passou a organizar o Festival sozinha.

Tendo em consideração a chegada de novos estudantes universitários a Coimbra, o espectáculo é efectuado em No-

vembro. Porém, segundo um membro da secção de Fado, Ricardo Mingatos, o Festuna "atrai mais pessoas fora do meio estudantil, uma vez que os próprios estudantes tendem a afastar-se da cultura académica".

O festival pretende reunir o que de melhor se faz nas várias academias do país. Por outro lado, com o Festival Internacional de Tunas, a Estudantina procura manter acesos os valores académi-

cos e a música tradicional do baixo Mondego, bem como o Fado de Coimbra.

Um dos organizadores do evento, André Melo, considera que o Festuna "acaba por ser um festival diferente de todos os outros no país, porque se procura seleccionar os grupos mais representativos das melhores academias do país". André Melo entende que o festival "pode ser considerado uma grande final entre os grupos de topo em Portugal".

ARQUIVO/DANIEL PALOS



Várias tunas portuguesas concorrem pelo prémio do Festuna

BRIGADA VITOR JARA CELEBRA 30 ANOS

O grupo assinala o aniversário com um concerto de teor "retrospectivo"

Pedro Galinha
João Pimenta

No dia 24 de Novembro, pelas 21h30, a Brigada Vitor Jara realiza um concerto comemorativo dos 30 anos de carreira no Teatro Académico Gil Vicente (TAGV). Apesar de trazer na bagagem o seu último álbum, "Ceia Louca", o grupo de Coimbra aposta num género de espectáculo que, segundo o violinista Manuel Rocha, se espera "bastante intimista".

O evento vai reunir os antigos membros da Brigada, tais como Jorge Gouveia Monteiro, Fernando Jorge Seabra Santos, o actual reitor da Universidade de Coimbra, Luísa Cruz e Amílcar Car-

doso. O concerto conta ainda com a participação especial do grupo de música tradicional portuguesa "Segue-me à Capela", um projecto musical que faz da voz o principal instrumento.

Em relação ao grupo, ao longo de 30 anos de carreira, fica na retina a componente interventiva da sua música, com um papel importante na Revolução dos Cravos e com uma inspiração que, como o próprio nome indica, evoca a referência do chileno Vitor Jara, poeta e cantor, assassinado pelos militares do regime de Augusto Pinochet.

No período do pós 25 de Abril, a Brigada desempenhou um papel activo na crescente alfabetização das classes mais carenciadas em Portugal. De norte a sul, do interior ao litoral, foram muitos os quilómetros percorridos pelos músicos, que da música e do ideal fizeram a sua principal bandeira.

Com sonoridades muito próprias e de

cariz tradicional, a Brigada Vitor Jara bebe as suas influências que vão desde as canções mais ritmadas do norte às harmonias alentejanas, passando pelas melodias trazidas de locais do mundo, tão diversos como África ou o Norte da Europa.



Mundo Ibero-americano em discussão

Daniel Boto

O II Colóquio Internacional "Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-americano" decorre amanhã, quinta e sexta-feira, no Instituto Pedro Nunes, em Coimbra

Ao reunir investigadores de universidades e instituições ibero-americanas ligadas à investigação nas Ciências Sociais e Humanas, o colóquio dá continuidade à iniciativa que o ano passado teve lugar no Rio de Janeiro.

O evento é agora da responsabilidade do grupo de investigação "Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais", coordenado por António Pedro Pita, do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS20, em parceria com o Núcleo de Estudos Políticos e Culturais do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A assessora, Isabel Luciano, refere a importância do evento "para o intercâmbio entre a cultura ibérica e brasileira".

Rodrigo Leão no TAGV

Num concerto acústico e intimista, o conceituado músico actua com o compositor italiano Ludovico Einaudi. O objectivo é proporcionar um "espectáculo tranquilo"

Catarina Frias
Martha Mendes

No próximo dia 25 de Novembro, realiza-se, pelas 21h30, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), um concerto de Rodrigo Leão em colaboração com o músico italiano Ludovico Einaudi. Os dois compositores actuam em Coimbra, numa digressão nacional que vai passar também por Lisboa, Porto e Viana do Castelo.

O espectáculo consiste num concerto acústico, sem vozes, no qual Rodrigo Leão participa como sintetizador e Ludovico Einaudi como pianista. A parte instrumental conta também com a participação de Celina da Piedade no acordeão e Viviana Toupikova no violino.

Do reportório fazem parte músicas dos dois compositores, com arranjos adaptados ao tipo de instrumentos seleccionados. No concerto actua apenas metade da formação do grupo de Rodrigo Leão, não estando em palco a bateria, o baixo e a guitarra, uma vez que a organização do espectáculo pretende um concerto mais intimista e tranquilo.

Sobre a colaboração de Einaudi no espectáculo, Rodrigo Leão pensa que "é sempre interessante trabalhar com



A digressão nacional do músico passa por Coimbra

compositores diferentes e, neste caso, o universo musical de ambos tem muitos pontos semelhantes, como alguma melancolia e nostalgia que existe nas músicas".

Ludovico Einaudi é um conceituado compositor clássico italiano. A sua mais recente gravação, "Una Mattina", escolhida para banda sonora do "spot" publicitário do novo carro da BMW, acaba de ser nomeada para um dos prémios da revista britânica "Gramophone". Os seus discos foram editados em vários países europeus e são "best-sellers" em Inglaterra, Alemanha e Itália.

No TAGV, lugar escolhido por ser

"uma sala que se enquadra perfeitamente neste tipo de espectáculo tranquilo", Rodrigo Leão espera "que haja uma comunicação entre os músicos e o público, e que as pessoas gostem também das músicas do Ludovico".

Os dois músicos conheceram-se há cerca de cinco meses, através de um colaborador comum, António Cunha, numa vinda de Ludovico Einaudi a Portugal para promover o disco "Una Mattina", lançado pela Universal. Entretanto, foi dada a conhecer a Rodrigo Leão a música de Ludovico, surgindo posteriormente a ideia de fazerem alguns concertos em conjunto.

Em Palco Há mais Inêses

"As Lágrimas de Inês"
O Teatrão
Museu dos Transportes
3 de Novembro
a 23 de Dezembro

Por ocasião das comemorações dos 650 anos da morte de Inês de Castro – que tem servido de pretexto a toda a espécie de acontecimentos supostamente relacionados com a temática, porventura já enjoativa – O Teatrão apresenta "As Lágrimas de Inês", a partir do texto original de Manuel Guerra.

Como vem sendo hábito da companhia, o desafio foi adaptar para o público infantil o episódio histórico ocorrido em Coimbra em 1355, que António Ferreira ajudou a transformar em mítica tragédia.

No cenário minimalista (que privilegia a imaginação) e muito funcional de Maria João Castelo, o sineiro do Mosteiro de Santa Cruz (Ricardo Brito) e a filha (Margarida Sousa) dão conta de um estranho fenómeno que adultera as águas que desembocam nos areais do Mondego, e que alteram o estado de espírito dos que a bebem. Responsabilizado pela situação, o sineiro é forçado a ocultar-se, ficando a sua filha encarregue de tocar o sino todos os dias à hora certa.

Intrigados com os efeitos que a água provoca, investigam o prodígio numa verdadeira fonte recriada em palco – centro fulcral da peça e atracção número um para as crianças que assistem, com entusiasmo –, descobrindo uma mensagem de amor que D. Pedro (João Nuno Costa) remete para a sua noiva, através do sistema de barquinhos manufacturados que percorrem os estreitos canais de água em terras que hoje chamamos de Quinta das Lágrimas.

Invulgar é o modo como a encenação de 50 minutos parece cativar o público jovem, dando continuidade ao mito inesiano de uma forma simples e pedagógica, realçando aspectos laterais igualmente importantes e que quase sempre ficam de fora nas representações ultra-românticas do episódio, obcecadas com o amor e a morte.

Trata-se de um espectáculo tecnicamente aprimorado, com um desenho de luz (Tiago Gonçalves) e trabalho de sonoplastia (Rui Capitão) de tal modo consistentes que a dada altura os espectadores giram sobre si próprios e procuram na retaguarda a acção que os actores projectam para o "fora de campo" do palco.

Com aquela que é já a sua 28ª produção, O Teatrão continua a desenvolver um trabalho ímpar na cidade de Coimbra, sob o lema "teatro para a infância". Apostando na educação do público jovem para o teatro, reinventa desta vez o mito de Inês de Castro – em que o povo é protagonista – restituindo-lhe talvez um pouco de história verdadeira, quicá de dignidade. E, nesse aspecto, há que dar razão a quem a certa altura diz: "ninguém é digno de guardar para si a memória de Inês". **Daniel Boto**

Café com Arte apoia AMI

O café-galeria acrescentou literatura a café e a bolos e, durante um mês, realizou uma feira do livro para ajudar a AMI

Paula Monteiro
Wnurinham Silva

O Café com Arte, situado na Avenida Elísio de Moura, iniciou há um mês uma feira do livro com fins de solidariedade que termina hoje, dia 15.

Os livros doados vão ser entregues à Assistência Médica Internacional (AMI) e, inicialmente, reverteriam na totalidade a favor da Guiné-Bissau. Contudo, devido à forte adesão, parte dos livros será entregue à biblioteca de uma escola de Pampilhosa da Serra. O espaço está fechado por falta de livros e, graças à iniciativa,

terá a oportunidade de reabrir.

Não é a primeira vez que o café leva a cabo este tipo de iniciativas, tendo já realizado uma feira a favor da Associação de Apoio à Criança de Guimarães, em 2003.

O Café com Arte é uma sociedade de quatro irmãos, cujo objectivo foi juntar no mesmo espaço uma galeria de arte e um café. Segundo uma das sócias, Ana Santos, "o espaço pretende dar oportunidade a todo o tipo de artistas", através da exposição de trabalhos de pintura, cerâmica, fotografia, escultura e artesanato.

Salientando que o espaço é frequentado por "todo o tipo de pessoas", Ana Santos afirma que o Café com Arte foi o primeiro a apostar na cultura e na solidariedade em Coimbra, levando outros a seguir o exemplo.

Próximas iniciativas

Entretanto, estão agendadas várias ac-



tividades para Novembro e Dezembro. O ciclo "Sessões de Cinema de Inverno" vai trazer películas todos os sábados ao café-galeria, às 18h, e inicia-se no próximo dia 19, com a projecção do filme "A Vida de Brian".

No início de Dezembro está planeado um festival de curtas-metragens, estando previsto para todo o mês uma feira de natal. Para além destas actividades, está ainda em agenda, de 11 a 15 de Dezembro, uma iniciativa em torno dos Direitos Humanos.

ARTES...

Cinefilia

Bonecas Russas / Cédric Klapisch

Uma sequela de qualidade!?

Depois do sucesso de "A Residência Espanhola", Cédric Klapisch usa as mesmas personagens para contar uma nova história.

No entanto, esta não está ligada directamente à primeira, ou seja, não exige desta forma o visionamento do primeiro filme para que se compreenda este.

"As Bonecas Russas" conta a história de Xavier (Romain Duris), um escritor que, aos 30 anos, decide fazer o ponto da situação da sua vida, reven- do o que se passou no último ano.

Amores e desamores num enredo electrizante, que mistura comédia e romance ao bom estilo francês.

Wendy (Kelly Reilly), Martine (Audrey Tautou), Neus (Irene Montalà) e Celia Shelton (Lucy Gordon) são algumas das "bonecas" que tornam a vida amorosa de Xavier um autêntico cocktail de sentimentos.

E levam-no em busca de uma última "boneca", a


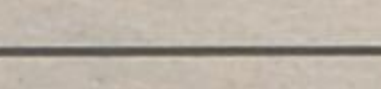
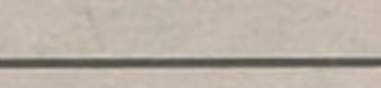

mulher ideal que ele próprio não consegue definir.

Paralelamente a esta enorme confusão na sua vida sentimental, na vida profissional as coisas não correm melhor para Xavier.

Faz pequenos trabalhos aqui e ali, longe do que desejava para si e do que as suas potencialidades permitiriam.

Enquanto procura a mulher da sua vida e um emprego que o complete, acontecem uma série de peripécias que atribuem ao filme um toque de originalidade e comédia, ao qual se acrescenta um modo peculiar de realização, e um elenco de actores jovem e dotado, que nos leva a encarnar as personagens.

Em suma, um conjunto de ingredientes mais do que suficiente para nos prender ao ecrã. **Rafael Fernandes**

| | |
|------------------|---|
| Rafael Fernandes |  |
| Laura Cazaban |  |
| Raphaël Jerónimo |  |
| Rui Pestana |  |

Pânico a Bordo / Robert Schwenke

Envolvente mas uma má aterragem

Há mais de 50 anos, Alfred Hitchcock criou o "thriller", qual carrossel de emoções fortes, onde o suspense e a tensão seduziam o espectador através dum mistério cuidadosamente criado, até ao outro lado da cortina de fumo, presenteando-o com um final capaz de surpreender qualquer um. Muitos filmes tentaram copiá-lo, e "Flightplan" é um desses.

O mistério é encarado pela perspectiva de Kyle Praat (Jodie Foster), uma designer de motores de avião, recém viúva, que leva a filha de Berlim para os Estados Unidos num avião que ajudou a desenhar. A meio do voo, a filha desaparece e Kyle começa uma busca incessante, descobrindo que nunca ninguém a viu e que ela nem sequer consta da lista de passageiros. A paranoia instala-se, e somos obrigados a questionar: será Kyle louca ou haverá um grupo terrorista no avião?

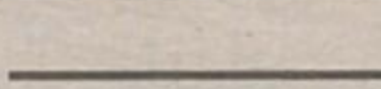


A fase inicial é brilhante, e mesmo não sendo digna de "Hitchcock", "Flightplan" consegue manipular o espectador com mestria e inteligência, aproveitando-se

da condição pós 11 de Setembro para criar uma aura de suspense e claustrofobia, fruto de uma realização competente da parte de Robert Schwenke. O argumento de Peter A. Dowling e Billy Ray mostra-se inteligente, com personagens fortes e bem desempenhadas e com diálogos extremamente realistas, com pormenores que farão o espectador questionar tudo e todos.

Mas no assentar da cortina, "Flightplan" perde poder, o argumento é reduzido a um twist final ridículo e pouco credível, e Jodie Foster passa de mãe desesperada a heroína "made in Hollywood" capaz de mandar uma boca que ficaria bem a Bruce Willis ou Schwarzenegger.

O final não estraga o filme, mas sobra o sabor amargo de mostrar que é capaz de tanto e no entanto, não atingir o auge. É contudo, entretenimento de qualidade que fará um excelente serão a quem procura um bom thriller, mas não esperem um "Vertigo".

Rui Craveirinha

| | |
|-----------------|---|
| Jorge Vaz Nande |  |
| Rui Craveirinha |  |
| Tiago Almeida |  |

A evitar



Fraco



Podia ser pior



Vale o bilhete



A Cabra aconselha



A Cabra d'Ouro



Todas as críticas em **acabra.net**.

Zeros e uns

Ferramentas para bloggers

A Web está cheia de serviços que permitem criar um blog em minutos. No entanto, alguns utilizadores poderão querer instalar no seu próprio servidor uma ferramenta de edição de blogs. É uma alternativa mais trabalhosa, mas que dá uma maior liberdade de configuração e um maior controlo sobre o processo.

Em primeiro lugar, a instalação deste tipo de scripts não é muito aconselhável a quem não estiver à vontade com os sistemas de uploads de ficheiros através de programas de FTP e com a atribuição de permissões a pastas e ficheiros. Ou seja, quem não souber o que é um CHMOD 777 poderá ter algumas dificuldades, mas nada que uns minutos de leitura na Web não resolvam. Também é preciso um conhecimento ao nível de criação de bases de dados MySQL e, claro, o servidor tem que suportar PHP e SQL.

Há muitas opções para instalar o seu próprio editor. Duas das mais populares são o Wordpress (<http://www.wordpress.org>) e o pLog (<http://www.plogworld.net>), cujo nome entretanto mudou para LifeType, a pedido da Amazon, que é detentora da marca "plog". No entanto, ainda é mais frequente na Web o uso do nome pLog, pelo que será a designação usada neste artigo.

Ambos são gratuitos, dispõem de inúmeros templates e reuniram uma comunidade apreciável de utilizadores, o que significa que a Web está cheia de dicas para a resolução dos problemas mais comuns. Os dois têm sistemas de instalação que (depois de criada manualmente a base de dados MySQL) se encarregam de tudo. É claro que as configurações do servidor podem complicar o processo automatizado e é aí que são necessários conhecimentos técnicos.

A "interface" de ambos é menos "user-friendly" que a do Blogger, mas alguns posts bastam para nos habituarmos. O pLog inclui um editor "What You See Is What You Get" (pode ser desactivado), que permite a visualização das formatações do texto na fase de escrita. Já o Wordpress fica-se por alguns botões que incluem automaticamente as "tags" de HTML mais comuns, o que poderá ser uma dificuldade para bloggers menos habituados a lidar com código.

Os dois permitem múltiplos utilizadores, mas só o pLog permite mais que um blog (contudo, é possível fazer uma instalação do Wordpress para cada blog).

A instalação de templates é mais simples (e com menos erros) no Wordpress, que tem uma vantagem para quem saiba programar: os ficheiros PHP aceitam qualquer código. No pLog, um ficheiro PHP junta uma série de ficheiros com a extensão "template", que só aceitam código HTML e algum Javascript.

A melhor opção? Instalar, correr os dois e ver qual o que se adequa melhor aos objectivos pretendidos.

João Pedro Pereira

joapedropereira@gmail.com

Comentários e críticas podem ser deixados em <http://engrenagem.jppereira.com>

No ouvido...

Épicos falhados

"Flies the Fields" é o terceiro álbum na carreira de quase 10 anos dos norte-americanos Shipping News.

Não podia ser mais apropriado o título do álbum, já que é isso mesmo que a banda faz ao longo destes 40 e tal minutos: sobrevoam com pouca originalidade variados campos da música alternativa com base em guitarras.

Com pouco recurso a vozes e uma sonoridade que se vai balançando entre momentos de um pós-rock na visão escocesa de uns Mogwai e rasgos menos bem conseguidos que lembram uns Tool com produção barata, "Flies the Fields" é tudo menos revolucionário.

Não há momento algum que não seja conotável com a sonoridade de outras bandas.

Sempre com uma toada negra e melancólica, são identificáveis aproximações a Blonde Redhead e Sonic Youth, mas também a outras bandas bem menos originais, como os japoneses Mono.

Ainda assim, o resultado final é agradável.

Sobretudo em temas em que a banda aposta em guitarras mais límpidas, como "Axons and Dendrites" (o tema que abre "Flies the Fields"), "Louven" e "Sheets and Cylinders".

Mas o ponto alto será sem dúvida "Untitled w/ Drums".

Aquele que é decididamente o tema de maior simplicidade instrumental e que denuncia o pior deste álbum: a tentativa constante de que todos os temas soem a épicos.

Confesso que ainda desconheço a restante carreira da banda (que passa, além dos restantes dois álbuns, por variados EPs e ainda um split-EP com os Metroschifter).

Mas "Flies the Fields" tem pelo menos o mérito de ter despertado a minha curiosidade.

Emanuel Botelho

Shipping News
Flies the Fields
Quarterstick, 2005

6/10



À cabeceira

O outro como estrangeiro

Face aos novos acontecimentos que têm dado algumas dores de cabeça aos dirigentes políticos franceses, bem como potenciado nevalgias em (quase) toda a comunidade europeia, seria inevitável sugerir esta quinzena um livro de um autor naturalizado francês, mas cuja origem é argelina. Inevitável, também, esta obra onde Derrida partilha connosco a questão do estrangeiro em termos de hospitalidade, tema caro ao autor e fio que ponteia toda a sua obra.

Contra toda a tradição filosófica, política e jurídica, Derrida faz-nos pensar, no contexto da desconstrução, sobre a questão da hospitalidade do outro, antes de toda e qualquer normatividade, antes, por isso, de todo o condicionalismo jurídico-político que subjaz ao estatuto de estrangeiro. Não significará isto, obviamente, que Derrida preconize um qualquer estado anárquico no que concerne a esta questão, mas, antes, de fazer pensar os moldes em que esta questão foi tratada por toda a tradição e contemporaneidade, perseguindo-se, assim, uma perfectibilidade dessas mesmas leis que regem as condições da hospitalidade. A prova desta urgência em pensar a questão surge mais do que evidente a todos.

Pensar, sob a inspiração da desconstrução, o estatuto do estrangeiro é sabê-lo do registo do jurídico e do político e não ainda do ético em termos absolutos, em termos de uma hospitalidade ou ética sem condições.

Jacques Derrida
Da hospitalidade
Palimage, Viseu 2003

10/10

Isto não traduz, no entanto, um qualquer ideal moral apoiado numa qualquer bondade ou caridade pelo outro, estando Derrida mais do que ciente da impossibilidade de uma tal ética ou de uma tal hospitalidade antes de qualquer nome, antes de qualquer condição, lembrando-nos que o timbre da hospitalidade ecoa em duplo sentido: hos-ti-pi-talidade. Dizer hos-ti-pi-talidade é lembrar que o que vem, o que recebemos, antes de toda e qualquer condição, pode ser também hostil e violentar o meu espaço. Neste duplo sentido da palavra hóspede/hospitalidade está não só a impossibilidade de uma ética incondicional, mas, ao mesmo tempo de esta impossibilidade correlata, a possibilidade de acolher o outro, seja ele estrangeiro, seja um qualquer outro. Isto porque, diz-nos Derrida, as normas, as leis, a própria linguagem, são sempre o cenário de qualquer ética, ainda que a ética e a hospitalidade absoluta estejam sempre para além de qualquer condição. Assim, a urgência de pensar com a desconstrução não é a de ir contra a lei, contra a necessidade destas, mas a de ser inspiração insistente e permanente para que estas sejam cada vez mais justas.

"Da hospitalidade" é um livro-entrevista, composto a partir de duas sessões, que nos dá a pensar esta questão, que serve de trampolim para pensarmos a nossa cultura ocidental, desde a Bíblia ao contexto da mundialização. **Andreia Ferreira**

1000

PALAVRAS

RUI VELINDRO

"Num universo onde as palavras cada vez mais se atropelam umas às outras, a poluição escrita e oral são uma triste evidência, como último reduto resta-nos a consolação de que uma imagem, felizmente, vale bem mais do que mil palavras que não são as nossas" Patrícia Bettencourt e Melo



FEITAS...

Os padres da bola

Em Fevereiro, uma equipa de 10 sacerdotes vai representar Portugal no "Champions Clerum", o II Campeonato Europeu de Futsal para Padres

A cidade de Zagreb, capital da Croácia, recebe, nas duas primeiras semanas de Fevereiro de 2006, a segunda edição do Campeonato Europeu de Futsal para Padres, o "Champions Clerum". Ao contrário do primeiro torneio, realizado na Áustria, Portugal vai ter uma equipa a disputar o título com mais 14 selecções.

O capitão e treinador da formação é Davide Gonçalves, padre da paróquia de Pousos, em Leiria. Com 43 anos, o sacerdote tem um curso de treinador de futebol do nível III, o que lhe permitiria treinar uma equipa da Liga de Honra portuguesa. Ao ouvir falar do "Champions Clerum", cuja primeira edição decorreu no início de 2005, Davide contactou colegas das dioceses de Leiria, Porto e Braga. Muitos dos religiosos que integram a primeira selecção nacional composta em exclusivo por sacerdotes encontram-se semanalmente para uma partida amigável de futebol, enquanto outros participam em torneios que juntam equipas de várias dioceses.

Embora cada selecção possa levar 12 padres até à Croácia, a representação portuguesa ainda só tem 10 pré-seleccionados. O único guarda-redes da equipa é André Ferreira, "O Motoqueiro", de 32 anos, que vem da paróquia de Macieira de Lixa, em Felgueiras. Na defesa, a selecção conta com Ricardo Silva, 31 anos, padre em Árvore, Vila do Conde; Domingos Machado, 36 anos, sacerdote de Gavião e Cruz, Vila Nova de Famalicão; Pedro Ferreira, 39 anos, pároco de Caranguejeira, Leiria; e Marco "Baresi" Gil, 29 anos, padre de Monsul, Póvoa de Lanhoso.

Para o ataque, as esperanças do clero

português estão depositadas em Marcelo Correia, 29 anos, pároco de Vilar de Veiga, Terras de Bouro, mas também em um trio de Marco de Canaveses: Hermínio Pinto, o "Doutor", 32 anos, padre de Soalhães; Manuel Fernando, "Miccoli", 32 anos, pároco de Alpendorada e Matos; e Emanuel Bernardo, 33 anos, nascido no Marco de Canaveses, mas sacerdote em Canedo, Santa Maria de Feira.

Entre Deus e a bola

A ligação de muitos dos religiosos com o futebol vem de longe. Emanuel Bernardo fez parte da equipa júnior do Marco, mas não chegou a jogar em qualquer encontro oficial, pois a missa, tal como o futebol, é ao domingo. Marco "Baresi" integrou durante a época passada o plantel do Lousado, actualmente na 2.ª divisão distrital da Associação de Futebol de Braga. Hermínio Pinto e Manuel Fernando foram companheiros na equipa de futebol da Universidade Católica do Porto. Ricardo Silva foi já vice-presidente do FC Rio Ave, do escalão principal do futebol principal. Contudo, abdicou no ano passado, devido às dificuldades de conciliar os horários nocturnos do futebol com as celebrações religiosas e a actividade pastoral. O mesmo motivo levou Davide Gonçalves a rejeitar um convite para treinar os jovens dos 12 aos 13 anos em uma equipa de Leiria.

Até Fevereiro, a selecção vai encontrar-se pelo menos uma vez por mês, sempre a uma segunda-feira – o dia de folga dos sacerdotes – em um pavilhão desportivo para melhorar a condição física e rever táticas para o campeonato. Além disso, é ainda necessário conseguir patrocinadores para financiar a viagem, uma vez que a organização croata apenas paga o alojamento e a alimentação, e também convencer a Federação Portuguesa de Futebol a ceder os equipamentos, que devem obrigatoriamente ter as cores nacionais.

Croácia prepara-se

No início de 2005, o padre Zarko Relota levou a selecção croata à vitória na primeira edição do "Champions Clerum", que contou com a participação de equipas de padres católicos da Polónia, Bósnia-Herzegovina, Eslovénia, Hungria, República Checa e Áustria.

O sacerdote, conhecido na Croácia como "Seta Loira de Deus", pelas semelhanças com Alfredo Di Stefano, lenda do Real Madrid, está há meses a preparar a competição. Além de ter conseguido o apoio do Governo e da federação de futebol do país, que vai até ceder árbitros profissionais para os jogos do torneio, Relota garantiu ainda o patrocínio comercial de um licor croata, com o nome de "Néctar dos deuses".

Apesar da Croácia ser a campeã em título, os favoritos para a segunda edição

parecem ser os espanhóis. A equipa do país vizinho é formada em exclusivo por padres da região de Ourense, na Galiza. Além da participação no "Champions Clerum", os sacerdotes disputam também, com o nome de "Os Chispas", o campeonato galego de futsal. Nesse torneio regional, já jogaram com equipas como "As Ninfas", patrocinada por uma casa de alterne, ou os "Diabos Vermelhos", com os quais perderam por 7-4. A formação tem a bênção do bispo local, Luís Quintero Fiúza, que até já deu o pontapé de saída num encontro entre os padres e o principal clube da diocese, o Ourense, para angariar fundos para uma missão diocesana. A selecção portuguesa está já a ponderar agendar um encontro amigável com os vizinhos espanhóis, de forma a poder avaliar o potencial do adversário.

RUI VELINDRO



Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Margarida Matos **Chefe de Redacção** Vítor Aires **Editores:** Rui Velindro (Fotografia), Olga Telo Cordeiro (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Sandra Pereira (Ciência), Bruno Gonçalves (Desporto), Bruno Vicente (Cultura), Cláudio Vaz (Viagens) **Secretária de Redacção** Sandra Ferreira **Paginação** Nuno Braga, Tiago Carvalho **Webdesign** ACABRA.NET Daniel Sequeira, João Pereira, Marco Fernandes, Tiago Gaspar **Redacção** Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Ventura, Carina Fonseca, Claudio Vaz, Helder Almeida, Helena Fagundes, Jens Meisel, Liliana Figueira, Liliana Guimarães, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Marta Poiares, Patrícia Costa, Paula Monteiro, Pedro Galinha, Ricardo Machado, Rui Pestana, Sandra Camelo, Sandra Henriques, Sara Simões, Sónia Nunes, Soraia Ramos, Suzana Marto, Tiago Almeida, Wnurnham Silva **Fotografia** Ana Maria Oliveira, Bruno Gonçalves, Daniel Palos, Fausto Moreira, Freddy Miguel, Liliana Guimarães, Miguel Meneses, Rui Pestana, Simão Ribau, João Madureira **Colaboradores permanentes** Andreia Ferreira, Emanuel Botelho, Laura Cazaban, Jorge Vaz Nande, João Pedro Pereira, Kossaqui, Raphaël Jerónimo, **Colaboraram nesta edição** Alexandra Lopes, Ana Lemos, Ângela Loureiro, Catarina Ferreira, Cláudia Gameiro, Cláudia Margarida Oliveira, Daniel Joana, Joana Bogalho, Joana Gante, João Alexandre, Ilda Forte, Inês Rodrigues, Joana Nunes, Júlia de Sousa, Marta Costa, Marta Furtado, Martha Mendes, Patrícia Cardoso, Rafael Duarte, Rita Soares, Ruben Figueira, Rui Antunes, Rui Craveirinha, Rute Lacerda, Sara Santos, Sérgio Miraldo, Susana Vale, Tânia Amaral, Tânia Ramalho **Publicidade** Cláudio Vaz, Tiago Carvalho - 239821554; 938136447 **Logotipo** Omar Diogo **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

Jornal Universitário de Coimbra
ACABRA

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

e-mail: acabra@gmail.com

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

Buda & Pest

A capital da Hungria é uma cidade monumental, rasgada pelo rio Danúbio, que durante muito tempo separou povos. Hoje, muitas pontes ligam a estranha beleza das duas margens, Buda & Pest

Vitor Aires (texto) e Patricia Rodriguez (foto)

Chegámos a Budapeste de noite. Mas acordámos para uma cidade transfigurada, com bandeiras húngaras em todas as janelas, muitos carros e até nas mãos de transeuntes. A maioria das lojas estava fechada. Mas só quando nos cruzámos com um cortejo de antigos veículos militares é que perguntámos o que se passava. Era o dia nacional húngaro, a celebração da queda do comunismo.

Com o resto do grupo a tomar o pequeno-almoço, perdi a noção do tempo em uma das muitas lojas de artesanato, pois Budapeste é uma cidade produzida para os turistas. Quando voltei à pastelaria, já eles tinham partido.

Sozinho numa cidade desconhecida, sem um mapa, segui o rio Danúbio e caminhei pela margem esquerda, Pest, até uma das duas ilhas da capital húngara, transformada num grande parque.

Famílias a desfrutar do feriado, turistas e os seus "flashes", milho frito em manteiga e grupos a jogar futebol na relva em toda a parte. Mas o que me prendeu a atenção foi uma fonte excêntrica. Rodeada por colunas que difundiam música clássica, os repuxos acompanhavam na perfeição o ritmo dos instrumentos.

Já no outro lado do rio, Buda, subi pelas escadas rodeadas de vegetação, parando na caverna do eremita São Paulo, fundador da cidade. Quanto mais subia, mais me maravilhava com a vista sobre a outra margem e o rio. Cercada por vendedores e estátuas do tempo comunista, a cidadela medieval erguia-se imponente. Já a noite caía quando reencontrei os meus colegas na pousada.

Acordei cedo no domingo para uma visita ao Parlamento húngaro, "uma cópia do Parlamento inglês", disse-me a galega Cruz, estudante de arquitectura.



Uma hora depois, seguimos para a Ópera de Budapeste. Os preços eram mais que baratos. Por pouco mais de um euro, marcámos lugar na sessão dessa noite.

Voltei a ficar sozinho depois, já que o resto do grupo queria visitar a cidadela. Parti novamente para Buda, desta vez para o castelo. Além da magnífica vista, as muralhas escondiam vários museus e um hotel, além de uma exposição de Picasso, no Museu de Arte Contemporânea.

Aproximava-se a hora de entrada na ópera e dirigi-me para a ponte mais próxima. Como a travessia estava interdita, acelerei para outra das várias pontes entre Buda e Pest.

A sala da Ópera era confortável e moderna, com os diálogos da peça traduzidos em húngaro. Como a ópera era cantada em alemão, isso não ajudou muito. Sendo o único que percebia a língua, tive de servir de tradutor nos intervalos entre os três actos.

A noite terminou com a subida à cidadela, para levarmos connosco uma visão nocturna sobre Budapeste. Na última manhã na Hungria, enquanto alguns desfrutavam das famosas termas da cidade, visitei a Sinagoga e o mercado.

THE ROUGH GUIDE TO

Italy

"Rough Guides are consistently available, informed and most critically, reliable" - The Guardian

SORTEIO

A CABRA ROUGH GUIDES

Em todas as edições A Cabra e a Rough Guides sorteiam guias de viagens para seus leitores. Para ganhar, basta visitar o site ACABRA.NET e sugerir um destino alternativo em Portugal, justificando.

ROUGH GUIDES

disponível em www.amazon.com

Crónica Erasmus

Guia para o estudante Erasmus em Coimbra

Capítulo 1 – Como se divertir – enquanto muda o mundo

Caro estudante Erasmus:

Portanto, estás por cá há dois meses. Já estás instalado – é o teu 4º apartamento, adoras a tua nova senhoria e achas que Braga é um sítio fantástico para ela viver! Já não és sempre o primeiro a chegar às aulas e sentes-te bastante preparado para o ano, após sobreviver à Latada.

Agora sentes que chegou a altura de fazer alguma coisa. Enquanto lavas a roupa, encontras uma T-shirt "Vais calar?!". Começas a prestar atenção aos cartazes por todo o lado pedindo-te para tomar parte no grande protesto contra as propinas no dia 9 de Novembro. Ao lembrar os bons tempos que passaste no teu país a impedir as aulas durante uma semana e a ocupar o edifício da administração da universidade, decides faltar à aula chata da manhã e tornares-te de novo um activista político.

Não é difícil convencer todos os teus amigos a ir: afinal, quem perderia uma viagem de borla para Lisboa, com co-

mida incluída?!

Como já ouviste falar da grande tradição de contestação de Coimbra, decides ir à aula das 10 – quando os autocarros deviam partir – e chegar completamente relaxado, com o sol a brilhar, às 12.30 ao Largo de D. Dinis. Mais uma hora e estás pronto para lutar!

Como não vais chegar a Lisboa antes das 4 ou 5 da tarde, tens muito tempo para te preparares mentalmente, apreciar a atmosfera, jogar cartas, ouvir música ou até conhecer alguns "verdadeiros estudantes portugueses", enquanto desfrutas da bela paisagem em volta da estação de serviço de Leiria.

E na verdade sentes-te quase importante num comboio de 10 autocarros a seguir a 75 km/h na auto-estrada.

Chegas a Lisboa – não fazes qualquer ideia de onde estás – mesmo a tempo de fazer parte da manifestação, os teus 10 autocarros juntando-se às centenas de estudantes que estão já no meio da manifestação.

Não entendes todos os posters e as canções, mas simplesmente juntas-te ao "...acção social não existe em Portugal" e... Ao pensar que isto acontece duas vezes por ano, começas a realmente admirar o espírito revolucionário!

Enquanto estás concentrado em tirar fotos e evitar choques constantes com agentes da polícia, de repente notas que há uma grande luta lá na frente. Os teus amigos foram todos às compras ou fazer turismo e tu não sabes o que fazer. Mas, quando o grupo se divide, decides juntar-te aos

que seguem pela estrada principal, mesmo depois de te dizerem que é o "grupo dos mauzões radicais comunistas". Vá lá, se o pessoal da república ainda aqui está, não pode ser ainda tão errado!... e os restantes estudantes Erasmus ainda estão contigo!

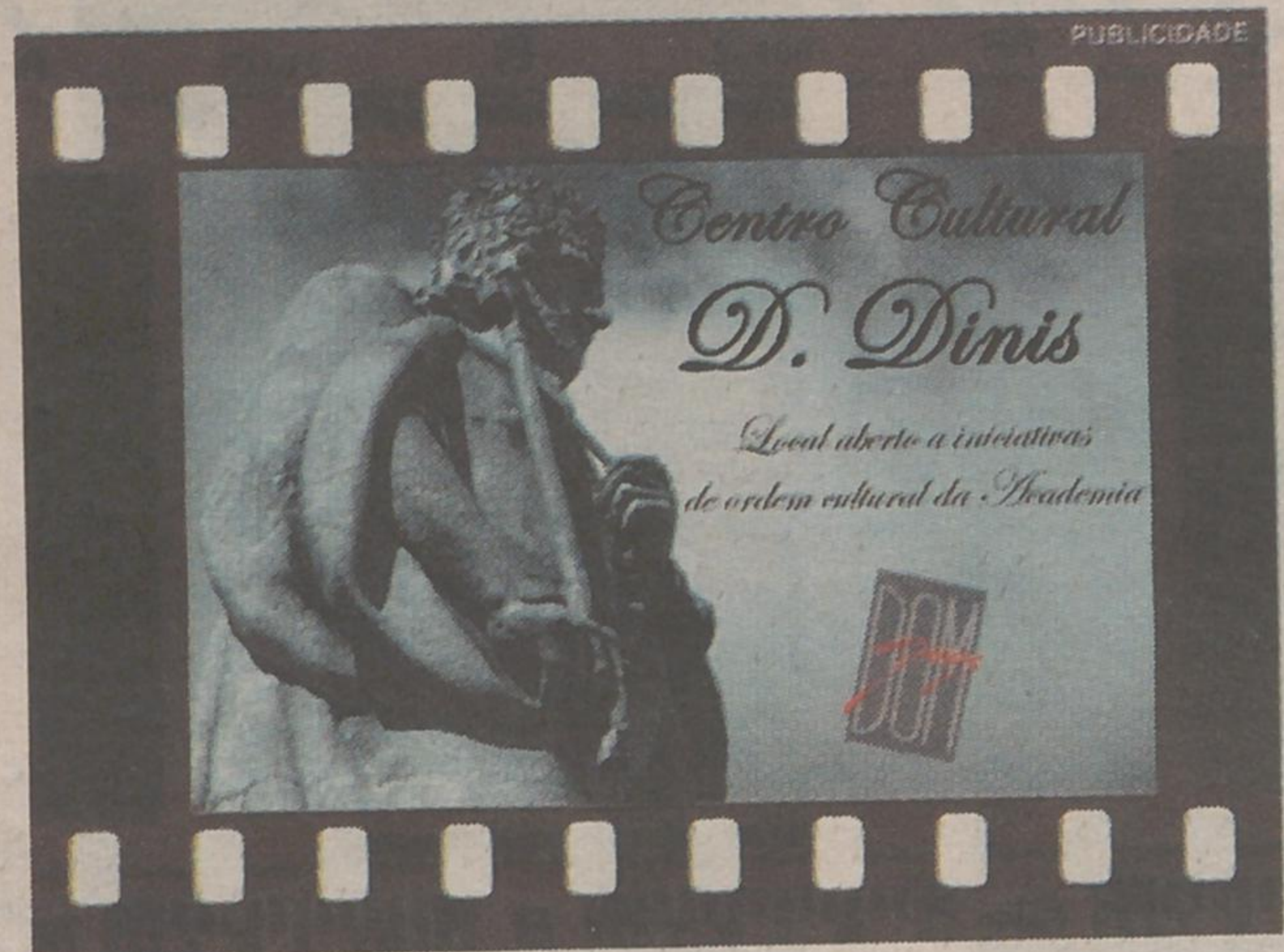
Demoras horas – através do centro da cidade – antes de descobrir que estiveste a caminhar com a multidão de Lisboa e que agora vieste parar em frente do parlamento, e não do Ministério da Educação.

Às 7 decides fazer uma pausa de mudar o mundo e em vez disso tomar um café durante os cinco minutos seguintes. Ao voltar às 8, ficas chocada ao descobrir que já não está lá ninguém.

Mas há algumas caras familiares! Os outros estudantes Erasmus a dizer-te que os autocarros acabaram de partir. Pensando no que deves fazer a seguir, recibes algumas chamadas: parece que nenhum dos estudantes Erasmus voltou a tempo.

É então que o milagre acontece: há um autocarro a voltar para te apanhar!! De novo a bordo – parece impossível mas já são 10 outra vez –, estás demasiado cansado para entender as discussões à tua volta.

Mas, de qualquer forma, sentes-te mesmo bem e a última coisa que pensas antes de dormir é: "Coimbra é fixe. E se isto vai ser sempre assim tão caótico, de certeza que vou estar também na próxima demonstração, para de novo mudar o mundo um bocadinho." **Steffi Kern (Alemanha)**



Freguesias de Coimbra ameaçadas

O Governo pretende criar uma lei de criação, fusão e extinção das autarquias, que poderá pôr em causa quase metade das freguesias do distrito

Vítor Aires

Quase metade das freguesias do distrito de Coimbra podem ser eliminadas pelo novo regime de criação, fusão e extinção das autarquias locais que o Governo pretende introduzir. Embora a proposta só deva ser apresentada no início de 2006, as declarações públicas do ministro de Estado e da Administração Interna, António Costa, apontam para o número de eleitores como o principal critério. Assim, as freguesias com menos de mil eleitores seriam as visadas pela reforma administrativa.

A ser aplicada, a medida coloca em risco quase metade das freguesias existentes no distrito de Coimbra, afectando todos os concelhos. Das 181 freguesias do distrito, 82 possuem menos de mil eleitores inscritos. Apesar de possuir a freguesia com um maior número de eleitores, (Santo António dos Olivais, com 31.521 inscritos) Coimbra, concelho sede de distrito, inclui também quatro freguesias que podem ser afectadas pela proposta do executivo: Arzila, com 834 eleitores; São

Martinho de Árvore, 825; Torre de Vilela, 902, e Vil de Matos, 641.

Segundo o delegado regional da Anafre, Manuel Peixoto, a medida "não será por razões económicas", uma vez que considera que "as freguesias são um exemplo de bem gerir". O também presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho da Árvore, uma das ameaçadas no concelho de Coimbra, defende ainda que as populações "vão perder poder reivindicativo", pois "a distância entre cidadão e eleito vai aumentar". No distrito de Coimbra, considera que as consequências mais negativas serão sentidas "na periferia dos centros urbanos". Embora afirme que os autarcas estão dispostos a aguardar, revelou que será marcada, ainda esta semana, uma reunião dos presidentes de juntas de freguesias do distrito. Manuel Peixoto mostrou ainda "perplexidade" perante o facto da proposta ter sido apresentada "primeiro aos média", não aos autarcas.

Segundo Luís de Carvalho, chefe de gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Administração Local, a medida tem como base "intensões de racionalidade e de melhor eficácia dos meios humanos, físicos e financeiros". Contudo, realçou a importância da "realização de estudos e de análises para que se possa passar à fase de decisão política". O assessor lembrou também que o número de cidadãos eleitores "não é o único critério para a criação

de autarquias na actual lei, pelo que não deverá ser o único para a sua extinção ou fusão".

O Ministro de Estado e da Administração Interna, António Costa, reuniu-se no passado dia 2 de Novembro, quarta-feira, com a Associação Nacional de Freguesias.

Segundo o presidente da Associação Nacional de Freguesias (Anafre), Armando Vieira, a medida foi um dos pontos discutidos na reunião. Contudo, o também presidente da Junta de Freguesia de Oliveirinha, no concelho de Aveiro, rejeita o argumento da racionalização da despesa, que considera "até ofensivo", lembrando os "parcos recursos" das freguesias, que recebem apenas 0,21 por cento do Orçamento de Estado.

Apesar de aceitar a fusão ou extinção de freguesias nos grandes centros, por uma questão de "racionalização administrativa", o presidente da Anafre defende que "não pode ser de aplicação geral". Embora se verificasse uma "concentração de verbas", considera que "não haveria ganhos", devido às despesas com a distância e deslocações. Além de considerar "fundamental a proximidade" das juntas de freguesias, lembra que as autarquias locais "desempenham tarefas muito para além das missões institucionais, como a coesão social".

Apesar de afirmar que a Anafre vai "aguardar por uma proposta em concreto", que deve ficar pronta na primeira me-

tade de 2006, Armando Vieira manifestou-se confiante que a medida "não terá condições para avançar", devido aos "protestos das populações". Por fim, revelou que a associação vai pedir a uma universidade portuguesa um estudo sobre a relação custo - benefício do trabalho das freguesias.

Para Fernando Ruivo, coordenador do Observatório dos Poderes Locais, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, o executivo "está a arranjar uma guerra com as autarquias". O investigador lembra que a reforma descentralizadora de 2003 não foi posta em prática e defende que "nem pensar em mexer nas freguesias rurais sem dados, que o Governo também não tem". Além de reforçar que "é preciso fazer estudos", Fernando Ruivo considera a proposta como "uma machadada na já fraca ligação da população com a terra". Para o docente, a aposta deveria residir na supra-municipalidade, devido aos "imensos desafios com que uma autarquia tem que lidar", nomeadamente na "criação de uma identidade regional" e na defesa da coesão social.

A elaboração de um novo regime legal de criação, fusão e extinção das autarquias locais, embora incluída no programa do Governo Constitucional, só foi anunciada pelo ministro da Administração Interna, António Costa, no passado mês de Junho.



**De 2ª a 6ª nos 107.9 fm da
Rádio Universidade de Coimbra**

Pratos do Dia com Todos os Sabores

Martini da Arcada



RUC'n'Roll



Oriqami

